

DRAKO

O GUERREIRO DRAGÃO

L P BAÇAN



DRAKO

O GUERREIRO DRAGÃO

L P Baçan

Copyright © 2016 L P Baçan

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer outra forma nem divulgado sem a expressa autorização do autor, exceto o uso de partes para referência ou comentários.

ISBN 978-1-329-81922-1

Lulu Press, Inc.

3101 Hillsborough St, Raleigh, NC 27607

DRAKO

O Guerreiro do Dragão

Em Avalon, nos tempos do Rei Artur, contava-se a lenda do Guerreiro Dragão amaldiçoado por Cernunus, o deus de chifres, e destinado a manter vivo o espírito do último dragão. Nessa família nascem apenas machos, um por vez, condenado a carregar o estigma do dragão por toda a sua vida.

Conta a lenda que o Senhor de Hathington, Membro da Primitiva Ordem da Cavalaria Celta, teve sua família devorada pelo temível dragão de Hockburston, uma floresta considerada sagrada pelos celtas e pelos druidas.

Hathington fora ousado ao construir um castelo de verão próximo da floresta, invadindo o território do dragão e destruindo centenas de carvalhos sagrados, onde os druidas realizavam suas assembleias e rituais.

Como represália, Lorde Hathington armou todos os homens de seu castelo e invadiu a floresta, disposto a aniquilar o

dragão. Seu avanço foi interrompido numa
clareira por um grupo de druidas.

Foi quando a maldição teve início.

I – A Lenda do Dragão

Avançando pela floresta, o pequeno exército teve seu avanço interrompido numa clareira por um grupo de druidas.

— Alto lá, Senhor de Hathington! Está entrando nos domínios do deus Cernunus, guardado pelo dragão de Hockburston — alertou-o o chefe dos druidas, apontando um tronco de carvalho onde uma estátua do deus de chifres fora entalhada.

Um cavaleiro se destacou entre aqueles que acompanhavam o Senhor de Hathington e lhe segredou alguma coisa ao ouvido. A reação do poderoso senhor foi imediata.

— Eis o que penso do seu maldito deus — respondeu o guerreiro, empunhando sua pesada espada.

Esporeou levemente seu cavalo que trotou na direção da escultura. Hathington ergueu a espada e, com um poderoso golpe, partiu-a ao meio.

— A maldição de Cernunus cairá sobre você e sua estirpe — gritou o velho druida.

Hathington ficou possesso.

— A minha estirpe foi toda devorada pelo sanguinário dragão de Hockburston.

Como ousa amaldiçoar meus mortos? —
vociferou o cavaleiro, avançando desta vez
contra o druida e atropelando-o.

Depois deu ordens aos seus homens
para que seguissem em frente à caça do
dragão. O grande animal acabou
encurralado em sua caverna. Hathington
havia levado uma poderosa besta de guerra,
máquina capaz de arremessar uma pesada
lança. A máquina foi preparada diante da
caverna e o próprio guerreiro foi desafiar o
animal.

— Cuidado, lorde Hathington! —
gritou-lhe uma voz poderosa vindo do
fundo da caverna.

— Quem ousa chamar minha atenção?
— retrucou o cavaleiro afrontado.

— É a voz do deus Cernunus, o deus
de chifres, que você desafiou. Este é meu
último dragão. Se matá-lo, sua estirpe será
amaldiçoada para todo o sempre, manchada
pelo sangue do dragão e condenada a
reproduzir-se apenas um macho por vez, em
cujas veias correrá o sangue do dragão.
Caçadores serão mandados contra seus
descendentes para exterminar seu
sobrenome. Toda a sua vida e a vida de seus
descendentes será uma eterna luta contra os

caçadores do último dragão. De caçadores, passarão a caçados!

Lorde Hathington gargalhou, zombando da maldição. Lentamente, uma figura descomunal e horrenda foi surgindo à entrada da caverna. Era o dragão.

— Retire-se de uma vez por todas! — ordenou ameaçadoramente a voz na caverna.

O cavaleiro que havia segredado algo ao ouvido de Hathington na clareira, quando se encontraram com os druidas, novamente se aproximou e murmurou alguma coisa ao seu senhor.

— Agora! — gritou o Hathington para seus homens e a corda onde repousava a lança foi acionada.

O aço pontiagudo atingiu o peito do dragão, varando-lhe o coração, enterrando-se até a metade em seu corpo. Um urro de dor e desespero cortou a floresta, assustando os pássaros e os animais.

— Morra, maldito! — falou lorde Hathington gargalhando.

O último dos dragões estava morto. Como represália, Hathington ainda mandou incendiar toda a floresta e destruir todos os ídolos e estátuas do deus chifrudo que havia

em seus domínios. O tempo regenerou a floresta, mas os velhos carvalhos, sob os quais os druidas se reuniam, jamais voltaram a crescer.

Hathington se casou novamente e teve um filho. Daí em diante, apenas homens nasceram na família Hathington e nenhum deles morreu de velhice. Todos morreram violentamente, em circunstâncias misteriosas. Dizem que a maldição perdurou até os tempos atuais. Caçadores de Dragões tentam exterminar a família, mas o sangue do dragão que corre nas veias de cada novo varão tem dificultado isso. A lenda persiste. Os Hathington têm conseguido sobreviver.

* * *

Após desligar as luzes, Aileen Saunders trancou as austeras portas do prédio e desceu lepidamente a escadaria até a calçada. Consultou o relógio. Passava das dez e todos os outros empregados do Colégio Hathington já haviam ido embora. Ela perdera sua carona e teria de caminhar algumas quadras até a avenida onde conseguiria um táxi ou um ônibus para casa.

O inverno chegava rigoroso em toda a Europa, prometendo nevascas violentas e

quedas repentinas de temperatura. O ruído das folhas secas arrastadas pelo vento assustou-a. Apressou o passo. Toda aquela preocupação com o Torneio Medieval de Hathington teria sua recompensa. Como primeira-secretária da comissão receberia o costumeiro um por cento da renda total, além, é claro, da costumeira travessura, repetida todos os anos. A cidade toda esperava ansiosamente aqueles dias, quando antigos trajes seriam desenterrados dos velhos baús e envergados com elegância pelos convidados. Cavaleiros medievais desfilariam pela cidade e participariam de um torneio que culminaria com a caça ao dragão, uma tradição da cidade desde que lorde Hathington destruía o último dos dragões da Terra.

Uma sombra passou diante de seus olhos e ela julgou que alguma folha derrubada de uma árvore viesse ao encontro de seu rosto. Instintivamente desviou a cabeça para o lado, depois parou e recuou horrorizada. Por instante ficou atônita, contemplando aquele vulto a sua frente. Jamais aquilo lhe acontecera antes. Seus joelhos fraquejaram, mas o instinto de sobrevivência falou mais alto e ela gritou

alto, rouco, demorado, antes que de tombar desfalecida.

Luzes se acenderam numa janela do outro lado da rua. A vidraça foi erguida. Um rosto de homem surgiu, olhando de um lado para outro, antes de se recolher. O silêncio caiu sobre a rua deserta. O vento continuou arrastando folhas.

* * *

Um dos motivos de orgulho de Max Sellers era sair à varanda de sua casa no alto da colina e observar as luzes da cidade de Hathington. Baforando seu indefectível cachimbo e cofiando seus imensos bigodes, ficava ali embevecido ao cair a noite, enquanto lá dentro sua mulher lhe preparava a melhor refeição. Naquele noite, pouco antes de entrar para o jantar, Max ouviu ruídos no curral das ovelhas. A princípio julgou que seu carneiro reprodutor estivesse em atividade. Depois, quando ouviu o lascar de madeira, preocupou-se.

— Malditos! — murmurou consigo mesmo, entrando apressadamente e indo apanhar sua espingarda de caça. — Todo ano é a mesma coisa. Mas eles vão ver!

Ao vê-lo municando a arma, a esposa ficou apreensiva.

— O que foi, Max? — indagou, limpando as mãos no avental.

— Ouvi barulho lá no curral das ovelhas. Garanto como são aqueles moleques com a travessura de todos os anos — respondeu, saindo antes que esposa tivesse tempo de dizer qualquer coisa.

Engatilhando a arma, Max atravessou sorrateiramente o pátio, procurando se ocultar e observar antes de dar o próximo passo. Tudo estava em silêncio. Apenas o vento assobiava macabramente por entre galhos desfolhado.

Chegou até a cerca e observou atentamente. As ovelhas estavam quietas. Seu carneiro descansava a um canto. Do outro lado, porém, haviam aberto um buraco na cerca cuidadosamente construída pelo fazendeiro. Um sorriso iluminou seu semblante. Desejou que a lua cheia tivesse nascido, assim poderia ter uma visão imediata do ladrão. Esperou pacientemente. O barulho voltou a se repetir e mais algumas tábuas caíram, assustando as ovelhas. Julgando ter visto um vulto se esgueirar pela abertura, Max se ergueu, levantando a arma à cara.

— Pare, ladrão, amaldiçoado! —

berrou, pronto para atirar.

O vento soprou mais forte, estranhamente, mudando de rumo e atirando poeira em seus olhos. No momento seguinte, uma pesada pedra cruzou toda a extensão do curral na doreção de seu peito. Quando o percebeu, era tarde demais. A pancada o jogou para trás com um gemido de dor. Tentou se erguer, tentou gritar, tentou apertar o gatilho da arma para alertar a esposa, mas as forças se esvaíram e ele desfaleceu. O vento continuou arrastando folhas. As ovelhas se aquietaram. Na varanda da casa, a mulher chamava desesperadamente o nome de Max.

* * *

Nick Holmes dirigia um dos mais estranhos estabelecimentos da cidade, mas o mais visitado. Sua loja possuía, espalhados pelas prateleiras empoeiradas, os mais exóticos artigos, de um simples talismã contra mau olhado feito pelos druidas até os mais perigosos ingredientes de feitiçaria e magia negra. Naquela noite, após haver verificado seu estoque e constatado a falta de uma certa essência de carvalho, ele se sentou diante da máquina registradora e verificou a fêria do dia. Fora muito boa. Dia

a dia, à medida que se aproximava a data do torneio, crescia a procura pelas suas mercadorias. Os ingleses não se esqueciam das velhas tradições celtas.

Alguém bateu na porta e o fez deixar o dinheiro e se levantar. Armou-se de um porrete. Todos os anos aquilo se repetia. Os moleques da cidade mantinham uma tradição de roubar peças estranhas para fazer ninguém sabia o quê.

— Quem é?

— Preciso de uma porção de mandrágora! — disse uma voz cavernosa do outro lado.

Os olhos do comerciante brilharam. A mandrágora escasseava. Poderia ser um bom negócio.

— Vamos, abra! Estou com pressa — disse a voz com certa impaciência.

— Está bem, é só um minuto — disse, enquanto soltava o trinco e girava a chave.

A impaciência do comprador deveria ser muita, pois não esperou que o comerciante abrisse de todo a porta. Empurrou-a violentamente e fez Nick recuar alguns passos.

Instintivamente o homem ergueu o porrete. Ao encarar o vulto que tinha diante

de si, no entanto, percebeu que toda e qualquer reação seria inútil. Lágrimas vieram a seus olhos. Ele caiu de joelhos. Seus dedos perderam a força e o porrete bateu contra a madeira do assoalho. Nick levantou os olhos. Pensou em suplicar, em oferecer tudo que tinha, mas as palavras morreram em sua garganta. A sombra de um cetro antigo ergueu-se acima de sua cabeça.

— Pai nosso que estais... — começou Nick, com voz trêmula, mas não foi adiante.

O cetro assobiou lugubrememente e um som surdo se fez ouvir. Nick rolou pelo assoalho, com os olhos esbugalhados revelando o terror.

* * *

Sentada a um canto do salão em companhia de seu pai, Suzannah Gantry observava todos os movimentos da irmã, a loura e estonteante Vanessa Gantry, rodeada, como sempre, de inúmeros admiradores. Além daquele ar de timidez e introspecção de seu rosto, havia um brilho acentuado de inveja. A maneira como os homens eram atraídos pela beleza e pelo encanto de Vanessa aborrecia Suzannah e a fazia se odiar por ser como era.

Vanessa tinha tudo, pois sabia como conseguir o que queria, fosse um presente especial de seu pai ou algo emocionante de um homem. Suzanah jamais poderia ser como ela, apesar de, em sua beleza quase se igualar à irmã. Faltava-lhe a agressividade, talvez, que sobrava em Vanessa. Sempre fora daquela forma. Vanessa sempre demonstrara possuir algo mais. Talvez coragem, talvez o brilho inquieto dos olhos faiscantes ou o modo envolvente e persuasivo de falar que cativava e escravizava.

— Vamos embora, pai? — indagou, incapaz de assistir por mais tempo à apresentação sempre impecável e quase escandalosa de Vanessa.

— Ora, filha! Só mais um momento. Vanessa está se divertindo tanto. Por que você não a acompanha?

Suzanah abaixou a cabeça e um brilho forte e assustador passou por seu olhar. Ela respirou fundo, torcendo nervosamente as mãos. Fixou-se, então, naquele incômodo sinal negro em seu pulso, semelhante a uma ponta de flecha. Distraiu-se com ele, embora o detestasse. Além de ser um ponto insensível de seu corpo, aquele sinal a

envergonhava, pois fatalmente atraía a curiosidade de quem a visse. Chegara a comentar isso com seu pai, mas ele evitou o assunto tão rispidamente que a desencorajara em definitivo, como se quisesse esconder algo ou manter um segredo que o desgostava.

Suzanah sabia que não era uma marca de nascimento. Adquirira aquilo depois, talvez em sua infância. Por mais que se esforçasse, no entanto, não conseguia se lembrar. A única coisa de que se lembrava era de uma tênue ligação entre o sinal e uma figura feminina que habitava o fundo de seu cérebro e lhe surgia, as vezes, em sonhos de que não se lembrava em detalhes.

Juraria, porém, que entre ela e aquela imagem de mulher havia uma afinidade profunda e estranha. Talvez fosse sua mãe, mas não conseguia se lembrar dela também. Por um motivo que jamais esclarecera, Amos Gantry, seu pai, havia destruído todas as recordações da falecida esposa.

— Suzanah, venha conosco, querida! Billy vai nos cantar alguma coisa, acompanhando-se ao piano — disse Vanessa, aproximando-se, rodeada de seus admiradores.

— Eu agradeço, mas prefiro me recolher. A viagem foi cansativa e... Bem, amanhã temos um programa agitado e...

— Indecisa como sempre, irmãzinha. Seja como você quiser, então — descartou Vanessa, afastando-se com sua legião de fãs.

Amos Gantry a observava se afastar com um sorriso embevecido nos lábios, depois voltou os olhos para Suzanah e a fitou com certo aborrecimento mal disfarçado.

— Quer ir, então? — indagou.

— Sim, pai — confirmou ela, levantando-se.

Momentos depois, após haver informado Vanessa, Amos a acompanhou até a saída do luxuoso restaurante onde todo o pessoal da excursão se encontrava. Suzanah caminhava à frente dele sentindo que sua atitude lhe estragara a noite. Podia sentir o humor de seu pai. Podia sentir o humor de Vanessa. Podia ler os pensamentos de qualquer pessoa. Tudo era vago, indefinido, mas era como se sentisse as mesmas sensações dos outros ou como se captasse essas sensações vagamente.

— Eu detesto saber que estraguei sua

noite, papai — disse ela, quando o ar frio da noite os envolveu. — Posso caminhar até o hotel, é aqui perto.

— Não, eu a acompanho — afirmou Amos, embora sua voz traísse certa rispidez que não incomodava mais a garota.

— Ora, papai, por favor! Pensa que não vi os olhares da viúva Wallace?

Amos se ruborizou e pigarreou, mas não pôde impedir que um sorriso maroto viesse a seus lábios.

— Vamos, fique e divirta-se! — insistiu Suzanah. — Eu estarei bem. Amanhã cedo estarei pronta para as atividades — disse, voltando-se e encarando-o.

Amos esboçou um sorriso sem significado e tomou uma das mãos da garota entre as suas, acariciando-a. Ao tocar aquele ponto negro do pulso, no entanto, retraiu-se rapidamente. Sua atitude não surpreendeu a garota, embora servisse para constrangê-los.

— A noite está maravilhosa, papai. Divirta-se! — recomendou ela, afastando-se no meio da noite.

Amos ficou olhando a filha caminhar rapidamente pela rua quase deserta, depois sorriu, suspirou e retornou ao luxuoso salão.

* * *

A gargalhada satânica fez gelar o corpo da garota, que se ergueu aturdida. Olhou ao seu redor. Um grito brotou de sua garganta ao encarar o rosto zombeteiro e repugnante a sua frente. A mão pesada do homem empurrou-a para trás sobre uma arca medieval recoberta de metal.

— Por favor! O que deseja de mim? — indagou ela.

Ele avançou para ela novamente. Aileen Saunders recuou, tropeçando num amontoado de correntes enferrujadas e caindo sobre uma prancha coberta de velhas manchas de sangue. Gritou horrorizada e o som de seu grito ecoou inutilmente pelo calabouço escuro. O homem olhou, então, a bolsa que tomara dela. Estava sobre uma estranha cama, cujo colchão era construído de cravos pontiagudos e de cujas extremidades pendiam velhas algemas enferrujadas. Sob a luz macabra dos archotes, ele capengou até lá e abriu-a. Um envelope caiu a seus pés e ele se abaixou para apanhá-lo. Abriu-o e examinou seu conteúdo. Um sorriso de satisfação passou por seus lábios frios e cruéis.

Virou-se para a garota que, de joelhos,

refletia o terror nos olhos esbugalhados. Caminhou para ela e ela pressentiu o pior, encolhendo-se instintivamente.

* * *

Alex Gaynor depositou sobre a mesa sua garrafa térmica, o embrulho com alguns sanduíches e um livro. Depois foi até seu armário, apanhou o coldre e afivelou-o ao quadril, aproveitando para mais uma olhada ao espelho. Consertou o boné, piscou um olho e sorriu convencido. Uma porta se abriu atrás dele e, pelo espelho, viu seu amigo se aproximar.

— E daí, Ned, tudo tranquilo neste museu? — indagou.

— Apenas as múmias estão um pouco inquietas — riu o outro, passando-lhe a arma e um chaveiro de onde pendiam todas as chaves das portas principais do prédio.

— É preciso avisar o diretor para que trate de eliminar os pombos no telhado — disse-lhe o amigo, após guardar o seu coldre no armário.

— O barulho o assusta? — riu Alex.

— Não, mas incomoda. Dá a impressão de que há alguém caminhando pelo forro.

— Deixe comigo! Quer café?

Aproveite. Está quente — disse.

— Não, vou embora agora mesmo. Há alguém a minha espera — sorriu o outro, ajeitando os cabelos.

— Loura ou morena?

— Moreníssima — disse o outro, acenando e saindo.

Alex esperou até que ouvisse o girar da chave. Depois deixou o vestiário, girando o chaveiro em suas mãos. Mal havia dado alguns passos pelo corredor sombrio, ouviu um barulho acima de sua cabeça. Ergueu os olhos, prendendo a respiração. Pombos não vinham tão longe. Instintivamente sua mão pendeu na direção do coldre e ele soltou a trava que prendia a arma. Tudo ficou em silêncio, porém.

— Talvez tenha se desgarrado — conjecturou em voz baixa, continuando em frente.

O barulho se repetiu. Era como se alguma coisa o acompanhasse, caminhando sobre o forro. A madeira rangia e estalava.

— Diabos! — praguejou ele, olhando para cima.

A alguns metros dali, em linha reta pelo corredor, havia um alçapão. Alex sabia que encontraria uma escada no vestiário,

assim como uma potente lanterna. Hesitou por instantes, depois girou nos calcanhares. Apanhou a escada e retornou ao corredor, procurando caminhar sem ruído. Seus músculos estavam tensos, mas sabia que não seria uma noite tranquila se não investigasse logo a origem daqueles ruídos. Armou a escada sob o alçapão no exato momento em que alguma coisa arranhava a madeira acima de sua cabeça. Estremeceu. Verificou se a escada estava firme, depois começou a subir lentamente os degraus. Quando teve o alçapão ao seu alcance, empunhou a arma numa das mãos e a lanterna na outra.

O ruído se repetiu. Alex engatilhou a arma e empurrou o alçapão. O fecho de luz foi bater contra um emaranhado de fios elétricos e teias de aranhas. Um silêncio mortal reinou no corredor. Alex adiantou um pé e começou a erguer lentamente o corpo, enquanto com a lanterna procurava iluminar o interior escuro.

Um estalo o fez girar os olhos e, com espanto, viu a tampa do alçapão descer violentamente sobre sua cabeça, atordoando-o. Seu corpo despencou pela escada estatelando-se no piso frio. Logo em

seguida, um vulto negro e sinistro saltou sobre ele. Alex ouviu o estalar dos osso de suas costelas, antes de desfalecer. Por algum tempo tudo foi trevas em sua mente. Quando recobrou a consciência, ergueu-se dolorosamente.

Havia silêncio no interior do museu. Um filete de sangue descia pelo seu rosto. Ele apalpou a cabeça ferida, depois procurou sua arma e a lanterna. Havia um disparador de alarme logo adiante. Cambaleou naquela direção, mas estacou quando um vulto encapuzado deixou rapidamente uma sala. A surpresa o paralisou. A sombra ergueu a mão, onde faiscava um punhal antigo. Alex não entendeu e jamais teve tempo de entender. Apenas viu o brilho de uma lanterna percorrer a parede, antes de sentir a pancada na cabeça e desmaiar de novo.

II — Bruxaria!

A garota estava estendida sobre a prancha enegrecida. A fumaça desprendida dos archotes, mesclada ao mofo e à

podridão daquela sala de torturas, fazia exalar um cheiro nauseabundo e repugnante. A um canto, um corcunda chamado Hental assistia àquele estranho ritual. Jamais vira Lorde Chermitall, seu mestre, agir daquela forma. Não ousaria questionar, no entanto, as intenções dele.

— Venha cá — disse Lorde Chermitall sem olhá-lo.

O corcunda coxeou rapidamente para junto dele.

— Sim, mestre.

— Segure isso — disse o feiticeiro, passando-lhe um punhal.

Hental estranhou a ordem, mas não hesitou em obedecê-la. Lorde Chermitall apanhou uma estranha caixa de metal e derramou seu conteúdo numa espécie de banheira medieval, onde, com certeza, eram torturados por afogamento os infelizes que caíam naquelas masmorras. Puxou delicadamente o braço da garota até que estivesse sobre essa banheira.

— Corte! — ordenou, apontando o pulsos da jovem.

Hental balançou pateticamente a cabeça disforme sem compreender a ordem.

— Corte! — rosnou Chermitall, numa

ordem ameaçadora.

Tremulamente o fio da lâmina pousou sobre o pulso. Hental ainda olhou direto nos olhos do feiticeiro, antes de deslizar a lâmina e fazer o sangue gotejar.

— É o bastante! — disse Lorde Chermitall, assim que as cinzas ficaram empapadas com o sangue da jovem.

Uma névoa sobrenatural começou a se elevar da banheira. Hental compreendeu, então, o que seu mestre pretendia, mas não sabia a quem ele pretendia ressuscitar. Observou atentamente. Sob a névoa, um vulto começou a se delinear. Primeiro os contornos delicados das pernas, depois arredondados dos quadris e afunilados à cintura. Além disso, a névoa parecia mais espessa e confusa, mas o olhar penetrante de Lorde Chermitall revelava satisfação.

— Ela está de volta — murmurou.

— Quem é ela mestre? — indagou Hental, quando percebeu que um vulto de mulher se delinearara contra o fundo da banheira.

— Brendah, a Caçadora do Dragão! — disse o feiticeiro com os olhos brilhando de satisfação.

* * *

Suzanah deixou de lado o livro e apanhou o telefone. Ligou para a copa e pediu um lanche. Depois consultou o relógio. Vanessa ainda não retornara e, com toda certeza, seu pai também não. Já era madrugada. Apesar do cansaço da viagem, não se sentia com sono. Havia qualquer coisa no ar, inquietando-a, perturbando-a. Aquela vinda ao interior da Inglaterra sempre fora um sonho para ela. Sua mãe era inglesa, nascida em Hathington. Era uma das poucas coisas que sabia sobre ela. Voltar à terra de sua mãe produzia uma enorme inquietação dentro de Suzanah. Ela queria visitar os locais onde sua mãe residira, observar os prédios onde brincara, respirar o ar que ela respirara. Talvez nisso estivesse a explicação para aquela sensação incômoda que não a deixava adormecer.

Levantou-se, caminhou um pouco pelo quarto, parou junto a janela e ficou observando as ruas vazias, antes de voltar ao livro. Batidas na porta indicaram que seu lanche estava chegando. Foi atender. Um garçom sonolento empurrou o carrinho, depois acomodou o prato e a travessa sobre a mesa ao lado de um espelho. Suzanah estendeu a mão para descobrir o lanche

apetitoso que lhe fora servido. A manga do roupão deslizou e o sinal negro se mostrou aos olhos do rapaz que estremeceu. Suzanah teve um pressentimento e ergueu os olhos.

— Algo errado? — indagou.

O rapaz baixou o olhar para o sinal no pulso da garota. Ao perceber o que chamara a atenção dele, Suzanah encolheu o braço, ocultando a marca.

— Agradeço sua gentileza. Pode ir — disse, secamente.

O rapaz hesitou, como se aquela marca tivesse provocado sua imaginação ou chocado sua sensibilidade.

— Eu disse que pode ir — falou a jovem com firmeza.

— Sim, claro! — murmurou ele, retirando-se com o carrinho.

À porta, porém, ele estacou e se voltou, olhando-a nos olhos de um modo que a fez estremeecer.

— Faz parte daquela excursão de americanos? — indagou.

— Sim, algo que o interessa?

— Terão a tarde livre amanhã. Por que não visita o parque de diversões na praça principal? Tenho certeza que encontrará algumas respostas na cartomante da

primeira barraca junto ao lago — afirmou o rapaz, saindo para o corredor.

— Espere! — pediu ela, confusa. — Que tipo de respostas?

— Não sei quais são as suas perguntas — respondeu ele, olhando o braço que se apoiava ao batente da porta.

Aquele sinal negro e assustador parecia ganhar um significado especial para ele e isso instigou a curiosidade da garota.

* * *

O jovem fez um sinal para a ascensorista, depois correu até o elevador. A garota sorriu enquanto pressionava o botão de um dos últimos andares, onde se localizava a seção de homicídios e latrocínios. Drako, postado logo atrás dela, aspirou o suave perfume.

— Chegamos, Lorde Hathington — sorriu ela, quando a porta se abriu.

— É uma pena — murmurou ele, saindo.

Ela ficou observando o rapaz caminhar até a porta de uma sala antes de fechar a porta. Quando entrou no gabinete, Drako viu o tenente sentado a sua escrivaninha. Sobre ela, algumas pastas novas, o que indicava que o plantão noturno fora agitado.

O rapaz cumprimentou o policial, depois foi até uma mesa ao canto e serviu-se de café. Retornou, então, sentando-se. Encarou o policial.

— Péssima noite? — disse, contando as pastas na mesa.

— Realmente! Nem tudo está aí, porém, como deve saber. Separei os casos que iam lhe interessar.

— E o que há de interessante neles?

— Tudo parece preparado para a festa de depois de amanhã — respondeu o assistente. — São as mesmas ocorrências de todos os anos. Um dia ainda descobrirei os responsáveis...

— Eu sei — suspirou o rapaz, terminando a xícara de café antes de apanhar as pastas.

Observou com atenção os títulos anotados. Tudo lhe parecia semelhante aos anos anteriores.

— Mas o que temos aqui? — indagou, abrindo a primeira delas.

— O clássico caso de desaparecimento de Aileen Saunders. Só que, dessa vez, ela não voltou mesmo. Desapareceu ontem a noite.

— Não voltou? — indagou o jovem,

intrigado.

— Estranho, não? — disse o tenente Quimberly com ironia.

Drako deixou de lado aquela pasta e apanhou a seguinte, apenas folheando-a diante dos olhos sem lê-la.

— O carneiro também foi roubado como das outras vezes. Posso descrevê-lo: ativo, de boa linhagem e branco, com chifres bem formados — disse Drako, jogando a pasta sobre a mesa. — Posso descrever os outros casos sem ao mesmos olhar para essas pastas — disse. — Uma loja de artigos místicos foi roubada e também o museu. Tudo como nos anos anteriores, sem mudança.

Drako sabia que tudo sempre fora obra de um bando de inconsequentes. Aquela maldita festa provocava isso. Muita coisa já acontecera e muita ainda aconteceria. Aquela festa era uma espécie de dor de cabeça anual da polícia de Hathington e uma preocupação constante para Drako, o atual Senhor de Hathington.

A única diferença agora era que Aileen Saunders jamais fora molestada durante todos aqueles anos em que trabalhava na comissão organizadora. Drako sabia que ela

costumava levar consigo, na bolsa, alguns convites e, não raro, era assaltada por interessados em comparecer ao grande acontecimento. Fazia parte da tradição. Os ladrões seriam reconhecidos depois, já que seus convites eram marcados. Mas, anos após anos, Aileen jamais fora molestada e jamais saíra ferida. O rapto não durava mais do que algumas horas, o suficiente para manter a tradição.

— Acredito que já fez um levantamento de tudo aquilo que possa ter relação com a festa. Gostaria de dar uma olhada. Depois pretendo visitar alguém na comissão organizadora. Talvez Aileen esteja preparando alguma coisa nova para este ano.

* * *

A luz do dia jamais penetrava no aposento úmido. O ar não se renovava, parecendo acumular-se com o passar dos séculos, conservando no cheiro o terror de muitas mortes violentas e cruéis. As archotes queimando jogavam uma luminosidade tétrica sobre os aparelhos antigos e enferrujados. Espalhados como lembranças de um tempo de horror, fragmentos de esqueletos apodrecidos quase

desfeito em pó constituíam uma decoração macabra. No silêncio quebrado pelo guinchar de velhas ratazanas, Hental observava o corpo da garota preso à mesa de torturas.

Voltou-se à procura da bolsa dela. Foi revirá-la. Encontrou o que procurava. Era o documento de identidade de Aileen Saunders. Hental leu com interesse o local de nascimento dela. Conhecia a vila, não muito distante dali. Havia também convites para as festas do Grande Torneio Medieval de Hathington.

* * *

Suzanah pensou nas palavras do camareiro na noite anterior. Tinha a tarde livre. Sua irmã e seu pai já haviam traçado seus planos para aquela tarde. Apenas Suzanah ficara para trás, só em seu quarto de hotel, hesitando. Aquele sinal negro em seu pulso a inquietava, principalmente após a chegada à cidade. Havia qualquer coisa no ar, como segredos sussurrados, como perguntas cujas respostas precisavam ser decifradas na passagem inquietante da brisa fria. Apanhou a bolsa, finalmente, e desceu para o saguão do hotel. Talvez fizesse algumas compras nas lojas próximas dali.

— Quer um carro, senhorita? — indagou-lhe uma voz que reconheceu imediatamente.

— Não... — respondeu de imediato, enquanto o rapaz continuava parado ali, com uma atitude respeitosa e, ao mesmo tempo, impaciente.

— Vá à praça, senhorita. Por que não vai até lá?

— Eu não gosto de...

— Mas precisa ir — cortou-a ele incisivo.

— E por que preciso ir?

— Isso não a intriga? — indagou ele, apontando o pulso dela.

Num gesto instintivo, Suzanah cobriu o sinal negro com a outra mão. O rapaz esboçou um sorriso, depois saiu para a calçada e fez um sinal. Imediatamente um táxi avançou, estacionando diante do hotel. O camareiro abriu a porta e inclinou-se numa reverência prolongada, que só terminou quando Suzanah cedeu, finalmente, ao convite. Assim que entrou, o rapaz fechou a porta e olhou-a com um sorriso satisfeito nos lábios.

— À praça central — ordenou ela ao motorista.

— Vou levá-la aonde deseja ir, senhorita — respondeu o motorista, olhando-a por instantes pelo retrovisor.

O olhar dele a fez estremecer. Havia qualquer coisa de assustador naqueles olhos sem expressão, frios e sem vida. Ela se encolheu em seu assento.

— O parque de diversões — murmurou ao perceber, após uma esquina, os enormes aparelhos em movimento cheios de um colorido infantil e extasiante.

A música alegre chegou até seus ouvidos, mas algo dentro dela a fez estremecer como se estivesse prestes a encarar algo de que vinha fugindo havia muito tempo. O carro parou, finalmente, diante da entrada, representada pela cara de um palhaço de boca escancarada, por onde adultos e crianças avançavam sorridentes, portando balões coloridos e flocos de algodão-doce. O motorista se inclinou para trás e para o lado e puxou o trinco, abrindo a porta. Suzanah estremeceu mais uma vez, hesitando.

— Vá! — ordenou ele.

Rapidamente ela saltou do carro, depois o viu partir antes que pudesse pagá-lo. Voltou-se e encarou a entrada do parque.

Tudo era muito alegre e colorido. Nada havia que pudesse assustar alguém mas, dentro dela, aquele pressentimento provocava calafrios cada vez mais intensos. Avançou lentamente. Momentos depois estava junto ao lago que dividia o parque em duas seções distintas. De um lado, os carrosséis, a roda-gigante e outros aparelhos; do outro lado, barracas sucessivas, de shows exóticos e promessas fantásticas. Dessa vez não hesitou. Qualquer coisa parecia empurrá-la na direção da primeira barraca.

* * *

Drako estava inquieto com os acontecimentos ocorridos na cidade e ligados diretamente à festa medieval. O sumiço de Aileen, principalmente, indicava que, pela primeira vez, algo perigoso e de grande proporções poderia acontecer.

— E então, satisfeito? — indagou o tenente que, nos últimos cinco anos recebera ordens de acompanhar e prestar todo tipo de informação solicitado pelo jovem Hathington.

— Jamais, Quimberly! — resmungou de mau humor.

Quimberly sorriu apenas, enquanto

observava o rosto do rapaz. Uma pergunta dançava em sua cabeça. Ela estivera na ponta de sua língua nos últimos cinco anos. Muitas vezes estivera prestes a fazê-la, mas evitara-o no último instante, lembrando-se dos alertas de seus superiores. Na verdade, porém, jamais conseguira entender o interesse daquele jovem pelos acontecimentos policiais que antecedia a festa medieval. Durante alguns dias por ano, ele se esquecia que era apenas o rico herdeiro de um castelo e de uma fortuna que remontavam às origens da cidade de Hathington.

Parecia procurar alguém ou alguma coisa. Dentro de si, transparecia uma preocupação irracional e inexplicável. Como uma fera sedenta, mas astuta, estivera sempre observando, aguardando algo que Quimberly jamais pudera descobrir ou entender. Estavam juntos havia muito tempo. Talvez isso justificasse, agora, a pergunta. Observar aquele jovem alterar seu comportamento radicalmente todos os anos, naquela mesma época, era algo intrigante e inquietante.

Tudo parecia uma rotina, porém, pelo modo como as coisas eram feitas. Aileen

Saunders era sequestrada e devolvida em seguida. Alguém roubava um carneiro de raça, objeto místicos e peças do museu. Nada mudava, apesar do insólito a cada vez. Naquele ano, o desaparecimento permanente de Aileen pareciam mudar esse padrão. Mas ela podia voltar a qualquer momento.

Bateram na porta da sala do policial. Logo em seguida, uma das recepcionistas entrou com um pacote.

— Encomenda para você — disse, indo depositá-lo sobre a mesa do tenente.

— Obrigado! — agradeceu ele, olhando o curioso volume.

Um papel ordinário envolvia uma caixa de chapéu. Barbantes encardidos a rodeavam, presos em nós curioso. Drako puxou o embrulho para perto de si.

— Está endereçado a mim — percebeu ele. — Por que mandaram para cá? E o que será isso?

— Só saberá se abri-lo — disse Quimberly.

— Claro — riu o jovem, arrebatando os cordões que prendiam o pacote.

Retirou o papel. Quimberly juntou-o e jogou-o no cesto de lixo, acompanhando-o

em todos os seus movimentos.

— Engraçado! Não lhe parece que...
— ia dizendo Quimberly, mas interrompeu-se quando Drako levantou a tampa da caixa.

A primeira coisa que viu foi a carteira de motorista de Aileen. Drako estremeceu, virando a caixa para despejar o conteúdo sobre a mesa. A bolsa da jovem desaparecida e seus pertences se esparramaram diante de seus olhos.

— Deus do céu! — exclamou Drako.
— O que isso quer dizer?

Quimberly o encarou interrogativamente.

III - A Revelação do Mal

O local conservava um ar místico e, ao mesmo tempo, assustador, com grossas cortinas negras cobertas de estranhos símbolos. Ao centro, sobre uma tosca mesa de madeira bruta semelhante ao cepo de um açougueiro, repousava um maço de cartas ensebadas e uma bola de aspecto sombrio que assimilava o negrume das cortinas ao redor. Suzanah olhou o cristal e nele se viu

refletida. A imagem distorcida, porém, a fez estremecer. Lutou contra a vontade de ficar ali, mas aquela atmosfera agora a cativava como se dali irradiasse toda aquela mística sensação que a envolvera desde a chegada a Hathington.

— Deseja conhecer seu futuro? — indagou a voz atrás delas.

Sobressaltada, Suzanah se voltou, levando uma das mãos a boca. A velha encarquilhada e sorridente sorriu de seu espanto. Depois, uma seriedade mortal caiu sobre seu rosto e ela cambaleou atônita e fascinada, ao ver aquele sinal negro no pulso da garota. Suzanah percebeu a reação da anciã diante do sinal e isso aguçou sua curiosidade a despeito de tudo, afinal. A outra se aproximou e, com seus dedos longos e retorcidos, tomou o pulso da garota. Examinou o sinal. Sua mão tremia mais que a de Suzanah. Levantou os olhos para a garota. Havia neles um brilho maravilhado.

— Sente-se! — pediu a mulher, puxando uma das cadeiras.

A garota atendeu. A velha continuou segurando seu pulso. Seus dedos eram frios e inquietantes. Sua voz tinha um timbre

metálico e gutural, como se soasse através de uma cova de pedras frias e sólidas.

— Está tudo preparado, você saberá tudo no devido tempo. Assim como sua mãe.

— Minha mãe? Conheceu minha mãe?
— arrepiou-se Suzanah, sentindo-se dominada por uma febril e intensa perturbação.

— Sim, conheci sua mãe. Brendah era seu nome e ela teve muito prestígio antes de se apaixonar por um tolo mortal. Eu me lembro dele, um americano que julgava poder comprar tudo com seu dinheiro. Desgraçou sua mãe ao iludi-la com vãs promessas e tirá-la de sua terra. Ela não teve um só instante de descanso, enquanto não foi libertada pela morte mais cruel.

— Deus! — exclamou a garota, erguendo-se assustada.

A mulher diante dela a encarava com severidade.

— Bem se vê como eles a estragaram. Mas não se preocupe, minha filha, nós a traremos de volta — disse a velha com meiguice, indo tomá-la nos braços.

Com carinho ela fez com que Suzanah se sentasse. Depois tomou suas mãos e

olhou-a nos olhos. A garota estremeceu. Tudo lhe parecia absurdo e, ao mesmo tempo, paradoxalmente claro.

— Como pode dizer que conheceu minha mãe se nem ao menos eu lhe disse meu nome? — indagou, pateticamente.

A anciã apontou para o pulso de Suzanah onde se destacava aquele sinal.

— O sinal do Clã da Lança! O novo milênio se inicia e estava escrito que as lendas renasceriam. Sua presença no ritual nos permitirá efetuar o batismo...

— Batismo? — gaguejou Suzanah.

— O Batismo de Sangue da Caçadora do Dragão! — explicou a mulher.

* * *

Drako observava aquele pedaço de papel em sua mão. Seu olhar, porém, parecia atravessar o convite e enxergar além. Ergueu os olhos para Quimberly que o observava atentamente.

— O que acha deste convite? Será que insistem na minha presença? — indagou, levantando-se e indo até a janela. — Sabem que nunca vou a essa festa.

O sol se escondia atrás das colinas. Um arrepio instintivo lhe percorreu o corpo. Seus olhos brilharam, não de medo, mas de

inquietação. Uma inquietação que devorava suas entranhas e ano após ano o perseguia como o pior dos estigmas. Uma esperança de ver tudo ser explicado, após todos aqueles anos, invadia seu coração.

— Mas em todos esses anos, desde que meu pai morreu, é a primeira vez que recebo um convite. Por que fazem questão da minha presença justamente neste ano? Preciso saber o motivo. Preciso! — afirmou, febrilmente.

— A quem você se refere, Drako? — quis saber Quimberly.

O jovem não respondeu. Voltou para sua escrivaninha e sentou-se, olhando o convite. Seu punho se fechou, depois martelou com força o pedaço de papel, sobressaltando Quimberly que jamais o vira agir daquela forma.

— Drako, todo esse tempo eu sempre estive a seu lado. Todos os anos eu o ajudei nesse período louco, sem jamais pedir uma explicação. Mas, agora, sinto que não posso conter a minha curiosidade. O que há por trás dessa festa, afinal?

— O mal, Quimberly. O mal! — respondeu o jovem.

— Como assim?

O Senhor de Hathington levou as mãos às faces, apertando-as com forças. Depois jogou o corpo para trás e ergueu a cabeça, fixando-se em algum ponto no teto.

— O que temos, aparentemente, é uma das maiores e mais movimentadas festas do nosso calendário turístico. A comissão organizadora é composta de gente da maior respeitabilidade. Por trás dela, porém, há um grupo de pessoas cujos interesses e atividades fogem à mais rebuscada das imaginações. Eles cultuam tudo que há de mal e a festa marca, para eles, o início de um ritual cujas origens datam dos primórdios da lenda de minha família.

— Envolve bruxaria? — arriscou Quimberly.

— Mais ou menos, Quimberly.

— E o seu interesse nisso? É algo que não entendo e que jamais entenderei, a menos que me expliquei. Por que todos os anos a seção de homicídios dispensa seu melhor policial, que sou seu, para que ele se dedique a acompanhá-lo nas investigações mais disparatadas e absurdas?

Drako respirou fundo e empalideceu, mas não olhou para o tenente. Continuou olhando fixamente para o teto. A crispação

em suas mãos indicava que a pergunta fora inoportuna.

— Sinto muito — pigarreou Quimberly, calando-se em seguida.

* * *

Lorde Chermitall e Hental estavam em uma das salas do velho castelo. Uma figura pálida e suave surgiu à entrada, fazendo seus rostos se voltarem para ela. O feiticeiro sorriu. A Caçadora do Dragão sorriu em resposta, estendendo os braços.

— Linda! — rouquejou o feiticeiro enquanto se abraçavam.

Hental ficou a um canto, observando enciumado a maneira gentil com que Lorde Chermitall tratava aquela mulher.

* * *

Quando Suzanah chegou ao restaurante, um coro de risos abafados se fez ouvir numa das mesas ao canto. Era Vanessa e seus inseparáveis admiradores. Pela quantidade de copos e garrafas de vinho, todos pareciam muito alegres naquele princípio de noite. Escolheu um canto discreto e se instalou. Do outro lado, Vanessa comentou qualquer coisa e todos riram, olhando na direção de Suzanah. Ela estremeceu, sentindo seus nervos em

frangalhos. Depois de tudo o que a mulher lhe dissera no parque de diversões, estava confusa.

Aquele sinal negro em seu pulso ganhava significado. Era o símbolo de um poder comandado pelo desejo. Um desejo caro, pago a preço da alma que Suzanah teria de oferecer, para selar o pacto. Depois, estaria pronta. Toda sua crença religiosa se chocava, agora, com as mais terríveis revelações. A verdade sobre sua mãe, a decisão que teria de tomar, o significado de estar ali, tudo a afetava naquele momento de transição. Uma escolha teria de ser feita. Continuou sendo a trêmula e assustadíssima rainha de um clã cujas raízes estavam plantadas nas profundezas da caverna mais temida da região.

Cabisbaixa, não percebeu que Freddy, um dos mais simpáticos rapazes da excursão, constante par de Vanessa, se ergueu e atravessou o salão. Em seu rosto havia um brilho zombeteiro. Parou diante da mesa.

— Posso me sentar com você? — indagou.

Ela estremeceu e, antes que pudesse responder, ele já se postava diante dela,

encarando-a sorridente.

— Penso que você seja diferente de sua irmã. Vanessa é tão fútil, tão vazia — declarou ele.

Suzanah o encarou surpresa.

— Gostaria de descobrir como você é. Que tal sairmos?

Atônita, Suzanah não soube o que responder.

* * *

Uma sensação de horror e náusea dominava o peito de Drako, enquanto avançava pelo corredor sombrio. Sobre as lajes frias, seus passos e o do enfermeiro junto dele ecoavam lugubrememente. Nas grades ao lado, homens e mulheres desgrenhados, de olhares indefinidos e rostos crispados pela loucura, acompanhavam sua passagem. Um calafrio lhe percorreu o corpo ao avistar, iluminado por uma fraca lâmpada, o fim do corredor. Ali, recortada no maciço de pedras, encrava-se uma pesada porta com uma pequena abertura à altura dos olhos.

Drako não olhou. A chave foi girada duas vezes. As velhas dobradiças rangeram. A luz penetrou formando um quadrado no chão encardido. Um rato correu para seu

ninho a um canto, fugindo da luz. Baratas passeavam calmamente, lambendo velhos restos de comida. Um odor de podridão dominava todo o sórdido aposento. Uma sensação de crueldade e impotência lhe estrangulou o coração.

O enfermeiro acendeu uma lanterna, iluminando as paredes cobertas de desenhos estranhos e palavras ininteligíveis, até descansar sobre um vulto acuado a um canto como um animal selvagem. Uma vestimenta macabra envolvia seu corpo, comprimindo-o entre correias e longos tirantes. Seu rosto se achava coberto inteiramente por uma máscara de ferro, presa no alto por um cadeado.

— Por que a máscara? — indagou Drako.

— Para mantê-lo calado.

— E como ele se alimenta?

— Não tem se alimentado.

— Tire-a.

— Mas não o deixe gritar. É como abrir as portas do inferno — suplicou o enfermeiro, retirando uma chave do bolso de seu avental e adiantando-se até o prisioneiro.

Soltou-lhe o cruel capacete, depois lhe

iluminou o rosto. A pele enrugada e gretada se cobria de feridas. Drako encarou o velho, tomando a lanterna ao enfermeiro. Iluminou o próprio rosto.

— Aileen não voltou desta vez. O que isso quer dizer?

— Que chegou a hora — murmurou o velho. — Quando chegar a hora, eu saio daqui, não importa o que faça, Drako — declarou, gargalhando. — Vou enfrentá-los sozinho!

Drako se pôs em pé. O enfermeiro apanhou a máscara de ferro para cobrir a cabeça do velho, mas este girou o corpo, rolando pelo chão imundo.

— Cernunus me dará forças! — berrou e sua voz soou como um trovão pelos corredores do hospício.

Por instante, apenas o eco respondeu até silenciar-se. Depois, rugindo como o ruído de uma tempestade violenta, um coro de vozes alteradas se engrossou, abalando as paredes, enlouquecendo o enfermeiro, que vestiu capacete de metal no velho. Drako levou as mãos ao ouvidos, tentando fugir àquele ruído infernal. Um bando de enfermeiros surgiu no pavilhão, alguns munidos de longos cassetetes que

introduziam pelas frestas das grades e golpeavam os loucos. Drako correu para a porta, mas o corredor lhe parecia realmente um canto do próprio inferno, tamanha a loucura e crueldade com que se deparava.

* * *

— Estou tão fraca ainda — murmurou a voz doce e feminina.

— Não se preocupe, estará forte em breve. Vou lhe conseguir alimento. Venha comigo, Caçadora do Dragão! Terá que recuperar todas as suas forças para quando chegar a hora da batalha.

* * *

Qualquer coisa nova se agitava no peito de Suzanah, desfazendo aquela confusão estranha e fazendo-a se sentir mulher como sempre desejara ser. Aprontou-se cuidadosamente. Usou seu melhor vestido e até arriscou um pouco de maquilagem. Quando Freddy chegou, finalmente, ela já estava impaciente ante a expectativa de ler nos olhos dele uma aprovação. Ao abrir a porta e encará-lo, sentiu-se recompensada. Ele a olhou longamente, surpreso com a beleza que se rivalizava à de Vanessa.

Depois, pareceu hesitante e

envergonhado. Suzanah não entendeu aquela estranha reação.

— Estou pronta! — disse.

— Quer sair comigo? — indagou ele, pateticamente.

— Claro que sim — concordou ela, alegremente.

Freddy mordeu os lábios e esperou que ela fechasse a porta para lhe oferecer o braço. Desceram para o saguão. Os próprios camareiros a olharam com incredulidade. Suzanah estava irreconhecível em sua beleza. À porta, porém, um deles a olhava surpreso, como se pressentisse qualquer coisa errada no ar. Permaneceu calado, no entanto, observando-os rumarem para o estacionamento do hotel.

Freddy abriu a porta e esperou que ela se acomodasse. Depois contornou o veículo. Antes de abrir a porta e sentar-se ao volante, olhou ao seu redor. Em seu rosto havia algo que Suzanah jamais poderia adivinhar. O rapaz engoliu em seco. Depois se sentou, observando-a. Parecia inquieto e nervoso. Suzanah se alegrou interiormente com aquilo. Nada mais era, para ela, que a prova de que o surpreendera, tirando-o da pose de conquistador para prostrá-lo a seus pés

como um gatinho manso. Aquela sensação a encheu de orgulho. Nem se deu conta de que o braço dele passava pelo assento, pairando sobre seus ombros.

— Suzannah, eu... — gaguejou ele, hesitante.

— Algo errado, Freddy? — indagou ela, encarando-o.

Ele pigarreou, depois olhou nervosamente para os lados.

— Não, é que... Você me fascinou — disse e sua voz ganhou um acento ardente e inesperado para ela.

Possessivamente seu braço pousou sobre os ombros dela.

— Freddy! — exclamou ela, mas seu protesto foi sufocado pelos lábios dele, cobrindo os seus desajeitadamente.

Inesperadamente, luzes se acenderam ao seu redor e gargalhadas zombeteiras se ouviram. Freddy a soltou e abriu a porta, descendo rapidamente e desaparecendo em meio aos faróis ofuscante. Suzannah saltou também, girando ao redor de si, tentando compreender aquela brincadeira. Acima dos risos, ouviu claramente a voz inconfundível de Vanessa, zombando dela.

Algo quente e maligno se agitou em

seu peito. Seu corpo se retesou e seus olhos chamejaram incrivelmente. Ela estremeceu, sentindo que seu ódio saltava por todos seus poros. Ruídos de vidros quebrados, então, anteciparam a fuga gradativa daquela claridade ofuscante. Um a um os faróis dos carros estouraram, até que restasse apenas a escuridão e o silêncio. O vento começou a soprar forte, levantando uma nuvem de poeira.

— Ei, pessoal! Vamos dar o fora daqui! — gritou alguém e todos saltaram para o interior dos carros.

Os olhos de Suzanah se esgazearam, refletindo o seu ódio e um poder que se revelava. Gritos se elevaram, quando os para-brisas estouraram e cacos de vidro eram atirados em todas as direções. Jovens com os rostos ensanguentados deixaram os carros, chocando-se numa fuga confusa e apavorada. No centro deles Suzanah ria. As pessoas que chegavam não entenderam o que se passavam. Um silêncio pesado e opressivo caiu, então, sobre o estacionamento do luxuoso hotel, sendo quebrado apenas pelos passos leves de Suzanah se afastando.

IV — O Ritual Macabro

Hental apanhou a tigela com a comida, depois desceu para o calabouço e caminhou cuidadosamente por corredores frios e úmidos. Chegou à porta da cela. Havia uma abertura à altura de seus olhos. Hental girou o trinco e tentou localizar o corpo de Aileen. Ela apareceu diante dele pálida e trêmula.

— Amigos! — rosnou o corcunda, erguendo a tigela de comida à altura da abertura.

A mão da garota avançou rapidamente, buscando-a, mas Hental a retraiu a tempo.

— Amigos! — voltou a dizer, observando o rosto crispado pela fome e pelo sofrimento.

— Por favor! — suplicou ela, estendendo as mãos.

Ele abriu a porta. Aproximou-se dela e entregou-lhe a tigela que ela levou sofregamente aos lábios, bebendo prazerosamente. Quando terminou, limpou a boca nas costas da mão.

A garota sondou-o por alguns

instantes.

— Amigos? — indagou, estendendo a mão.

Hental hesitou, depois resoluto, aceitou.

* * *

Batidas leves e quase imperceptíveis na porta a fizeram deixar aquela espécie de transe e se levantar. Foi até lá e abriu lentamente. Quatro pares de olhos assustadores a encararam por instantes, antes de passarem por ela silenciosamente como sombras. Avançaram até a mesa de cabeceira e ali depositaram uma pesada caixa de metal, que intrigou a garota tanto quanto a presença daquelas estranhas pessoas. Aproximou-se deles. Um a um ergueram as mangas dos casacos e exibiram sinais negros.

— Quem são vocês?

— Somos do Clã da Lança — disse um deles — Você é nossa rainha. Aqui encontrará o necessário para seu batismo. Depois reinara sobre nós e nos comandará para a Grande Batalha.

Tão silenciosos como haviam entrado eles saíram, deixando aquela estranha caixa. Suzanah a abriu. Havia um convite para o

Baile Anual Medieval de Hathington e roupas adequadas. Ela retirou o pesado vestido, ricamente adornado com símbolos cabalísticos bordados a ouro e prata e preciosas rendas debruando todo o tecido acetinado. Ergueu-o diante de si e caminhou até o espelho. A porta do quarto se abriu. O rosto pálido de Amos Gantry a encarou. Ao perceber o vestido, toda a sua expressão se alterou.

— Eu sabia! Eu sabia! — repetiu — Eu não podia evitar. Cedo ou tarde acabaria voltando ao clã. Eu sabia, eu tinha que trazê-la aqui para que enfrentasse o seu destino. No devido tempo, tudo se esclarecerá e você compreenderá. Fiz a minha parte. Agora cabe às forças do bem mudarem o seu destino, minha filha — disse ele, estendendo os braços.

Sem nada entender ainda, a jovem se deixou envolver pelo abraço carinhoso de seu pai.

* * *

Quando Drako chegou ao gabinete do tenente naquele dia, Quimberly o esperava com certa apreensão. Esperou Drako tomar o café e sentar-se. Trocaram um olhar. O jovem estava mais preocupado agora. Desde

que visitara o louco, aquela tensão angustiante se acentuara dentro dele. Aquele louco era o homem que o criara depois que seu pai morrera. O louco era também um feiticeiro, talvez o maior de todos. Mas enlouquecera, tentando lutar contra as forças do mal e a única forma de afastá-lo do mundo fora aquela, trancando-o num asilo de loucos irrecuperáveis. Doeria fazer aquilo, mas o velho perdera o controle de seus poderes e jamais conseguiria enfrentar o mal de novo. Ele fora grande em outros tempos. Drako presenciara muitas cenas de magia. Todas essas imagens ainda viviam em sua mente, torturando-o. Seu desejo era acabar com o mal. Era o objetivo dele como guerreiro dragão.

A grande festa medieval daquele ano seria diferente. Era a primeira do milênio e marcava o cumprimento de velhas lendas, de antigas promessas, segredadas nos labirintos do castelo de Hathington. Drako sabia agora que rituais seriam feitos. Alguns deles precisavam ser impedidos. Anos após anos ele esperava. Sabia, agora, que antigos personagens da lenda voltariam a se reunir. Precisava estar preparado para destruir o

mal novamente.

Apanhou as pastas diante de si.

— O que temos aqui? — indagou e sua voz traía sua inquietação interior e toda a sua tensão.

— Aconteceu ontem à noite no pátio de estacionamento do Hotel Golden Arrow. As declarações são confusas... Tudo começou numa brincadeira e quase acabou numa tragédia. Vinte pessoas foram hospitalizadas com ferimentos leves e uma dúzia de carros foram destruídos.

— A causa? — pediu Drako, atento.

— Não se sabe. Faróis e para-brisas estouraram... Alguns dizem que foi o vento, os galhos das árvores... É difícil decifrar essas declarações... Leia você mesmo.

Drako apanhou as pastas e leu. Todos aqueles acontecimentos fantásticos e inacreditáveis aos homens comuns não o surpreenderam. Eram sinais. Sinais de que tudo começava a acontecer. Sua mente preparada para aqueles acontecimentos se concentrou num só nome: Suzanah Gantry. Não havia dúvidas. Era uma das peças importantes daquele quebra-cabeça.

— Aonde vai? — indagou Quimberly sem obter resposta.

Drako rumou imediatamente para o hotel. Na portaria, indagou sobre Suzanah Gantry. O rapaz do outro lado do balcão trocou olhares com um camareiro antes de responder:

— Ela saiu, senhor! Só deve retornar ao anoitecer — informou.

Drako o olhou nos olhos. Sabia que ele estava mentindo. Mas por que fazia isso?

— Gostaria de deixar um recado — falou o rapaz, apanhando um bloco sobre o balcão e escrevendo um bilhete onde pedia para Suzanah telefonar para ele.

— Será entregue, pode estar certo, senhor! — disse o porteiro.

Assim que Drako saiu, ele rasgou lentamente o bilhete e jogou-o na lata do lixo.

* * *

A noite chegara e um clima opressivo pairava sobre a cidade, penetrando os espíritos e provocando uma angústia desconhecida. Nos becos e vielas escuras, as ratazanas se agitavam. Nos nichos das ruínas, morcegos guinchavam, ganhando a noite em busca de alimento. Vermes revolviavam a terra. Insetos esvoaçavam ao redor das lâmpadas num voo cego e suicida.

Animais se inquietavam nos estábulos. A sensibilidade vinha à flor da pele. No céu, lentamente, a lua cheia se impôs. Os seres da noite pressentiam a tormenta do mal que se formava, mas, num enorme casarão no centro da cidade, as luzes acesas reforçavam um clima de festa e encantamento. Carruagens antigas surgiam pela rua com cavalos inquietos e passageiros apressados. Porteiros de longas e antigas casacas se dobravam em medidas e cumprimentos. Roupas luxuosas faiscavam pedrarias e fios de ouro e prata. Cabeleiras empoadas e perfumes exóticos se mesclavam no amplo salão ao som da orquestra de câmara, arrancando preciosas melodias de seus instrumentos gastos pelo tempo.

Longe dali, num quarto antigo, velhas dobradiças rangeram quando uma porta se abriu. A luz dos archotes e braseiros iluminou o vulto pálido e belo que surgiu diante de Lorde Chermitall. Ele sorriu extasiado diante da beleza da Caçadora do Dragão, realçada por um longo e luxuoso vestido. Já não era o corpo humano que um dia caminhara pela terra. A vontade de Lorde Chermitall a haviam tornado uma mulher idealizada, de longos cabelos louros

e olhos faiscantes. Seu fascínio era poderoso. Sua beleza se impunha como se um magnetismo sobrenatural transbordasse de sua pele.

O coxear de Hental quebrou aquele instante de encantamento e fez o feiticeiro se voltar para ele.

— Os convites, mestre — disse ele com humildade.

Lorde Chermitall os arrebatou da mão nodosa do corcunda, depois se voltou para a Caçadora.

— Mestre — chamou-o Hental.

— Fale! — ordenou o conde sem olhá-lo.

— Eu posso ir à festa também? Há convites de sobra e...

— Jamais! — disse Lorde Chermitall, encarando-o. — Sua presença provocaria repulsa e chocaria a beleza da Caçadora. Você assustaria meus seguidores.

— Seus seguidores, mestre? — estranhou o corcunda.

— Sim, meus seguidores. Há séculos eles aguardam pela minha presença e vou satisfazê-los afinal.

* * *

Drako estava na biblioteca de seu

castelo. Pela janela aberta podia ver as luzes da cidade e ouvir a música que vinha de lá, anunciando o início do baile anual. Esse baile marcava o início de todas as atividades do torneio anual.

Uma coisa o intrigava, por isso vasculhava cuidadosamente velhos manuscritos da biblioteca. Aileen Saunders começara a liderar a comissão organizadora das festas muito cedo. Coincidentemente, no ano em que o pai de Drako morrera. Aileen era muito jovem. Como obtivera essa deferência? Quem a indicara? E porque ela fora indicada? Essas questões martelavam seu cérebro.

Uma ideia lhe ocorreu, então. Foi até seu computador. Havia nele um programa, alimentado com dados de todos os acontecimentos já verificados na cidade de Hathington, inclusive nascimentos, casamentos: praticamente tudo sobre todos.

— Vamos ver quem são os ancestrais de Aileen Saunders — comentou ele, digitando alguns dados e aguardando.

O programa traçou a árvore genealógica da jovem que presidia a comissão organizadora dos festejos. Um dado interessante surgiu na tela. Aileen

substituíra uma tia dela na presidência da comissão. Drako consultou um outro programa, com dados sobre o torneio anual. Havia uma Saunders na presidência da comissão, desde que os festejos haviam sido criados, por volta do ano 1200. Por que uma Saunders? Qual a ligação daquela família com a festa e com os acontecimentos que a cercavam?

A resposta deveria estar naqueles velhos manuscritos. Ele se lembrou de algo e foi até a estante apanhar um deles. Levou-o para cima de sua escrivaninha e abriu-o cuidadosamente. As páginas antigas ameaçavam se desfazer em suas mãos, enquanto manuseava o livro. Encontrou, finalmente, o que procurava.

— Arley Saunders... O ferreiro do castelo... Foi quem fundiu a ponta da lança usada para matar o dragão... Mas aonde isso me leva? Que relação tem ele com a lenda e com a maldição? Que papel uma descendente dele desempenhará na batalha final?

Ergueu os olhos para a janela. Lá fora, em algum lugar, a resposta estava a sua espera.

* * *

O velho demente encaixou o último recipiente na parede, deixando o pavio por entre as frestas das pedras que empilhou, tapando o buraco. Havia trabalhado febrilmente, mas tudo estava terminado afinal. Quando chegasse o momento, acenderia os estopins e o fogo purificaria aquele lugar de maldição. Estava febril e confuso agora, olhando ao seu redor na escuridão do aposento. As pilhas de sua lanterna haviam se esgotado, mas não havia medo dentro dele. Apenas uma mórbida e tenaz decisão.

Precisava agora encontrar um bom esconderijo e aguardar a chegada dos malditos. Poderia ser sua própria destruição. Isso agora não importava. Depois de conviver a vida toda com aquele estigma, era justo morrer com ele. Ao fazer isso, no entanto, libertaria seu filho adotivo de um cruel destino.

Caminhou pela escuridão. Resvalou num objeto metálico e sólido, indo ao chão com uma imprecisão. Apertou os olhos com firmeza e, ao abri-los, havia luz no porão imundo. Ratazanas correram, assustadas. Morcegos esvoaçaram. Aranhas enormes e peludas fizeram oscilar suas

teias. Ele se pôs em pé num salto. Ao seu redor, os archotes estavam acesos e a fumaça nauseante se acumulava nas pedras da parede. Girou o corpo, confuso, olhando ao seu redor. Teria desmaiado?

Um cheiro nauseante chegou a suas narinas, horrorizando-o. Ele se voltou e encarou um rosto conhecido.

— Eu sabia que você viria, velho! — falou o homem a sua frente, o enfermeiro que cuidava dele no sanatório.

O velho louco cambaleou, olhando aquele vulto assustador. Sombras se moveram na enorme caverna e rostos sem expressão estavam fixos nele. Depois, suas gargalhada se uniram às do enfermeiro, explodindo nos ouvidos do velho, confundindo-o, alucinando-o. Os olhos do enfermeiro se injetaram e suas mãos crispadas se estenderam na direção do velho, que apelou para as últimas forças de seus poderes mágicos. Ele girou o corpo uma vez, depois outra e continuou girando vertiginosamente como um pião humano comandado pelo poder do sobrenatural. A caverna girava ao seu redor como um louco carrossel. Seu corpo ameaçava se arrebentar ante à velocidade e à pressão.

— Não! — urrou ele, tentando encontrar uma saída, tentando controlar inutilmente aquela força que o fazia girar incessantemente e que fugia ao seu controle agora.

Então tudo cessou, quando seu corpo foi arremessado contra uma parede e ele sentiu como se todos os ossos de seu corpo fossem moídos pela violência do impacto. Ficou gemendo, enquanto as sombras se aproximavam lideradas pelo enfermeiro.

— Ainda há tempo, velho! Aceite seu destino e una-se a nós — falou o enfermeiro.

— Jamais! Eu abomino todos vocês. Eu desejo que o inferno os leve e os mantenha lá para todo o sempre — gritou com as forças que tinha.

Um coro zombeteiro de gargalhadas respondeu a sua praga e ele tombou, respirando com dificuldade, percebendo que seu corpo fugia ao seu comando e que a inconsciência se aproximava celeremente. Olhou um dos pavios não muito longe de si. Bastaria acendê-lo e tudo viraria um inferno de chamas. Compreendeu que fora um trabalho inútil. Seu último sopro de vida fora dedicado àquela tarefa inútil. Seria

derrotado e o mal subsistiria. Drako não teria como enfrentar sozinho todas aquelas forças unidas contra ele. Nada poderia ser mais trágico e cruel para ele naquele momento de agonia que saber disso.

V — A Caverna do Mal

Hental abriu a porta e olhou para a garota a sua frente.

— Amigos? — indagou ele, estendendo uma bandeja com pão, queijo e outras iguarias.

— Amigos! — respondeu Aileen, estendendo as mãos e apanhando a bandeja.

Sentou-se no catre e comeu avidamente.

* * *

A nata da sociedade de Hathington e turistas vindos de todas as partes do mundo circulavam pelo amplo salão, exibindo os trajes mais requintados e luxuosos. Garçons de longas casacas serviam ponche e champanhe. A orquestra não parava. No jardim, olhando fixamente a lua cheia, um grupo de pessoas aguardava. Como se um

presentimento os tocasse ao mesmo tempo, elas se voltaram. À porta, majestoso e impressionante, estava Lorde Chermittall e sua companheira. Um murmúrio percorreu o grupo e todos admiraram o casal que avançou resoluto na direção do jardim. Na sala, um menestrel subiu ao palco e todas as atenções se voltaram para ele. O lorde caminhou com sua companhia até as pessoas que os aguardavam. Olhos respeitosos o encararam.

— Estávamos a sua espera, mestre — disse um bruxo vestido de rufião.

— Eu sempre soube — sorriu o feiticeiro.

Uma garota avançou. Seu vestido farfalhou suavemente. O luar se derramava com generosidade e beleza sobre seus cabelos negros e compridos. Seus olhos fitaram demoradamente o maior dos feiticeiros.

— Sou Suzanah! — disse ela.

— Sou Lorde Chermittall! — respondeu ele, fascinado pela beleza agressiva daquele rosto e pelo fascínio daquele olhar.

— Por aqui... Mestre — falou ela, apontando um ponto qualquer do jardim.

Lorde Chermitall estremeceu. Havia algo de desafiador no tom da voz daquela mulher. Ela deveria ser submissa e jamais poderia tê-lo encarado daquela forma. Sorriu, então, imaginando que boa companheira ela seria. Imaginou um gênio forte e indomável e uma vontade férrea de ascender. Caminhou na direção apontada. Atrás deles, como num cortejo, homens e mulheres o seguiam.

Passaram por uma alameda, afastando-se do castelo e da música. Foram até uma gruta de pedras desiguais e entraram por um antigo portão de ferro. Archotes estavam acesos, iluminando uma escadaria que descia para as profundezas da terra.

Um odor de umidade chegava a suas narinas enquanto avançavam, passando por algumas salas com tumbas entalhadas na pedra. Uma ampla sala abobodada se expôs diante deles. Archotes pendiam das paredes, presos a estruturas de metal trabalhado. Braseiros aqueciam a caverna da umidade, espalhados por todos os cantos. À frente, diante de uma inscrição arcaica, pairava um altar profano. À seu lado, sobre uma fogueira, pairava um caldeirão com uma estranha mistura.

Quando seus passos soaram pela caverna, um carneiro branco se agitou, tentando se libertar da corda que o prendia ao altar. Sobre aquelas pedras enegrecidas e manchadas, estava um rico punhal trabalhado em ouro e encimado por uma cabeça de carneiro esculpida numa autentica pérola negra. O alto de um crânio fora serrado e incrustado num pedestal de ouro maciço, formando uma taça macabra.

O bruxo vestido de rufião se adiantou. Os outros se postaram ao longo das paredes. Suzanah e outras três garotas ficaram logo atrás de Lorde Chermitall e da Caçadora, que abriram caminho para que elas avançassem até o altar. O bruxo foi até o caldeirão e mexeu-o com uma colher trabalhada numa tibia humana. Provou um pouco da mistura repelente e estalou a língua com satisfação.

— Que a cerimônia tenha início — disse Lorde Chermitall. — O Clã da Lança se reúne, após um longo tempo. Que se aproxime a nossa rainha!

Suzanah se adiantou. O bruxo ungiu suas mãos com uma mistura de essências de flores, depois a fez se ajoelhar de costas para o altar. As narinas de Lorde Chermitall

se dilataram, percebendo a beleza fascinante daquela feiticeira. Ajoelhada, Suzanah não tirava os olhos da figura poderosa e impressionante de Lorde Chermitall. Podia sentir em seu corpo o poder que emanava daquele homem. Seus olhares se cruzaram. Lorde Chermitall riu.

— A rainha receberá seu batismo agora — disse o bruxo e duas mulheres se aproximaram de Suzanah, estendendo ao bruxo a taça feita com um crânio humano, cheia com a mistura que borbulhava no caldeirão.

O bruxo se voltou para Suzanah e estendeu o recipiente. Os olhos de Suzanah se esgazearam. Ela tomou a taça e levou-a aos lábios. Um grito escapou de sua boca, quando engoliu o primeiro gole.

* * *

— Amigos! — indagou Aileen, estendendo de volta a bandeja.

Hental riu, mas o riso morreu em sua boca quando a jovem passou por ele e correu para a porta.

— Maldita! — urrou ele, alcançando-a e empurrando-a contra a parede.

Ela se ergueu imediatamente, agarrando uma clava de metal caída no piso.

— Eu a ajudei! Eu a alimentei! — disse o corcunda.

— Mas tirou a minha liberdade! — gritou ela em resposta, enquanto ele avançava com as mãos erguidas.

— Maldita! Mil vezes maldita! — berrou medonhamente o corcunda, quando a pesada clava enferrujada atingiu sua cabeça.

* * *

Suzanah se ergueu lentamente. Um manto roxo, bordado com símbolos cabalísticos, foi posto em seus ombros. Um cetro entalhado em marfim foi posto em suas mãos.

— Que as noviças se aproximem — ordenou o bruxo.

As três garotas se aproximaram com passos medidos. Suzanah observou o cetro em suas mãos.

— Purifique-o no caldeirão! — ordenou o bruxo e Suzanah caminhou até lá, mergulhando nele o cetro do ritual de iniciação.

Ergueu-o acima de sua cabeça. Os olhos de Lorde Chermittall cintilaram, observando-a. Suzanah se voltou para as três garotas que se ajoelharam, como ela também havia feito antes. Estendeu o cetro

para cada uma delas. A primeira jovem o beijou com uma reverência profana. Lorde Chermitall olhou a Caçadora que tudo assistia passivamente. Gritos de alegria dominaram a caverna, quando a segunda feiticeira beijou o cetro. Ao estendê-lo para a terceira delas, porém, ela se pôs em pé num salto.

— Não... Eu não quero! — berrou, fazendo todos se calarem.

Um silêncio mortal pairou. Os olhos de Lorde Chermitall fuzilaram. Os de Suzanah se esgazearam perigosamente.

— Ela deve ser punida! — gritou o bruxo.

— Eu cuidarei disso — disse Lorde Chermitall.

— Não! Eu sou a rainha e eu cuido disso — falou Suzanah mais alto.

Lorde Chermitall se voltou para ela, surpreso com a ousadia. A rainha das feiticeiras ousara desafiar o poder de decisão do mestre de todos os clãs? Riu, enquanto estendia uma das mãos na direção da sacrílega.

— Venha a mim, mulher! — ordenou, fixando seus olhos chamejantes nos olhos da jovem rebelde.

— A mim! — ordenou Suzanah, em seguida.

Lorde Chermitall gargalhou e fez um sinal com os dedos. A jovem que se recusara a aceitar o batismo caminhou para ele lentamente.

— A mim! — gritou Suzanah, mas não pôde vencer o poder do feiticeiro.

Lorde Chermitall enlaçou sua vítima, olhando-a nos olhos aterrorizados. A jovem estremeceu e caiu num transe profundo. Depois, como que hipnotizada, retornou ao seu lugar, ajoelhou-se e beijou o cetro. Suzanah estremeceu e fez um sinal para que o ritual prosseguisse. A taça foi oferecida às novas bruxas. Assim que beberam a mistura, gritos de louvor se ergueram, ecoando pelas paredes. Suzanah as abraçou, beijando uma a uma.

Faltava o batismo final da rainha e Lorde Chermitall se preparou para isso. Aproximou-se com passos medidos. Pôs sua mão direita no alto da cabeça de Suzanah, que estremeceu, sentindo o poder que emanava ele.

— É a rainha do Clã da Lança agora! — disse ele.

Suzanah Gantry, uma americana

trêmula e assustadiça, deixava de existir para sempre. Em seu lugar surgira uma terrível mulher, ciente de poderes que estiveram latentes em seu corpo, adormecidos à espera do batismo. Sua mente se abriu para visões fantásticas. A dimensão de seu poder era ilimitada. Dominava seus seguidores, mas isso não era o bastante. Experimentara a humilhação, a servidão, a zombaria. Agora seu orgulho prevalecia num brilho desafiador que tornava seus olhos perigosos.

— Faça seu pedido, rainha! — falou Lorde Chermittall, olhando-a nos olhos. — Será a digna rainha do Clã da Lança e reinará para sempre — continuou.

— Eu faço o meu pedido — disse ela, estendendo o braço na direção do feiticeiro.

— Seja feito, então!

— Eu quero o poder supremo! — murmurou ela e um estremecimento abalou os presentes.

— Você deve estar maluca se... — ia dizer o bruxo que presidira o ritual, mas Suzanah o fez calar com um gesto.

— Nunca mais dirija a mim nesse tom, velho. É um rufião, agora, em minha corte. Faça-nos rir. — ordenou ela.

A expressão do velho se alterou. Ele empalideceu, depois tossiu cuspidando fora uma aranha peluda e pegajosa. Seu rosto arrancou risos. Suzanah se voltou para Lorde Chermitall.

— O poder absoluto só pertence a mim — disse ele, percebendo o desafio inesperado.

— Tenho o direito de questioná-lo — disse ela, com firmeza.

Suas mãos seguraram as mãos das outras feiticeiras a seu lado. Lorde Chermitall entendeu o que ela pretendia. Seria o poder delas contra o dele.

— Volte atrás, rainha! — suplicou o rufião, vindo cair de joelhos diante de Suzanah.

— Cale-se! — rosnou ela, os olhos esgazeados num brilho maléfico.

O corpo do velho bruxo rodopiou pela caverna, até chocar-se com uma parede e cair, gemendo.

— Eu a amaldiçoou — berrou, enquanto Suzanah gargalhava.

Suzanah encarou Lorde Chermitall, que sorriu.

— É uma digna rainha, Suzanah. Aceite os encargos de seu posto... Apenas

eles. — aconselhou o feiticeiro.

— Sempre estive por baixo. Conheci a humilhação e o desprezo. Não aceito ser a segunda.

— Jamais terá sucesso. O poder total pertence a mim.

— Eu o tomarei.

— É uma tola! Pagará por isso!

— E o que veremos, mestre — zombou ela e seu olhar maléfico se fixou na figura loura da Caçadora, até então imóvel ao lado do seu senhor.

— Não! — rugiu Lorde Chermitall, mas os olhos de Suzanah já se esgazeavam perigosamente.

A Caçadora estremeceu. Um grito escapou de seus lábios traduzindo uma dor intensa e desmedida. Os olhos de Lorde Chermitall chisparam e todo seu corpo se crispou.

— Vai conhecer a irá de Lorde Chermitall! — rugiu ele, avançando ameaçadoramente.

Suzanah gargalhou e um círculo de fogo se formou ao redor do feiticeiro, que urrou, debatendo-se contra as chamas que se estreitavam, buscando seu corpo.

— Maldita! — berrou ele e seu corpo

se imobilizou.

Por instantes fosforesceu, até ser envolto por uma névoa esbranquiçada que subiu até o teto de pedra e deslizou para fora do alcance do fogo, que se apagou instantaneamente. O olhar de Suzanah acompanhou a névoa, até que ela se assentasse sobre o altar macabro. A figura sinistra e irada de Lorde Chermitall se materializou e seu olhar cheio de ódio encarou a rainha das feiticeiras. Um silêncio de morte pairou. Homens e mulheres se apertaram contra a parede, esperando o desenlace do terrível desafio.

A um gesto, porém, todos se aproximaram de Suzanah. De mãos dadas, formaram um círculo ao redor das três feiticeiras, entoando um cântico poderoso. A feiticeira sorriu e seus olhos voltaram a brilhar, encarando Lorde Chermitall. Um archote se desprende de seu suporte e cruzou a caverna na direção do feiticeiro, que saltou do altar para o chão, desviando-se da arma mortal.

— Vai se arrepender de desafiar Lorde Chermitall! — rugiu ele.

— Ao inferno com você — gargalhou ela e meia dúzia de archotes, zumbindo

macabramente, desprenderam-se de todos os pontos da caverna convergindo para a figura negra.

Uma nuvem de poeira se formou e eles a atravessaram, chocando-se e espargindo chamas pelo piso. Lorde Chermittall voltou a se materializar, dessa vez possesso, destilando a cólera no olhar sangrento, prometendo vingança nos dentes arreganhados e ameaçadores.

— Estou apenas começando mestre — zombou Suzanah com os olhos cintilando.

Uma chuva de pedregulhos e gravetos voou para cima do lorde, que se retraiu rapidamente, ganhando a forma de um rato que guinchou e escapou por entre as frestas da parede. No mesmo instante, Suzanah soltou as mãos das outras feiticeiras e fez um gesto. Um gato surgiu em seu lugar, saltando imediatamente sobre a ratazana que foi encurralada a um canto. Uma gargalhada sinistra se ouviu quando o gato saltou, mas nada encontrou em seu bote.

Um enorme corvo esvoaçou pela caverna. Suzanah voltou a sua forma primitiva, mas, estarecida, viu que o morcego pousava entre ela e o círculo formado por seus seguidores. A ira de

Lorde Chermitall explodiu em toda sua violência. Ele saltou sobre ela, agarrando-a pelos cabelos e puxando-a para junto de si. Suzanah se debateu. Impotentes, os outros assistiam o que poderia ser a destruição de sua rainha. O feiticeiro ergueu o corpo de Suzanah acima de sua cabeça, depois o arremessou contra uma parede. Ela gemeu e caiu imóvel no piso de pedras frias.

— Venha a mim! — disse o feiticeiro, estendendo a mão.

Por momentos o corpo de Suzanah estremeceu, depois se ergueu e se pôs em pé. Os olhos estavam sem brilho, inexpressivos. Ela se aproximou se aproximou lentamente e tomou seu lugar no trono atrás do altar.

Todos os presentes se entreolharam.

— Sou a primeira e única rainha do Clã da Lança! — disse ela, erguendo o braço direito para o alto.

O tecido da manga desligou, revelando o inconfundível sinal negro. Lorde Chermitall sorriu, olhando triunfante para a Caçadora.

* * *

A surpresa estampou-se no rosto de Drako, quando seu mordomo introduziu

Aileen Saunders no aposento. A jovem estava em péssimo estado, com as roupas rasgadas e com ferimentos nos braços e nas pernas, resultado de sua corrida desesperada pelo bosque que cercava o castelo de Lorde Chermittall.

— Aileen! O que houve? — indagou ele, amparando-a e levando-a até o sofá. — James, providencie água, chá e comida para ela. Avise o tenente Quimberly também.

— Preciso avisá-lo, Senhor de Hathington. Eu nunca acreditei nisso, mas é verdade. Vai acontecer — disse ela, atabalhoadamente.

— Acalme-se, por favor! Está segura agora — insistiu ele, contendo sua curiosidade.

— Há uma lenda em minha família, Drako. Uma lenda que talvez você não conheça. Uma lenda que pode explicar muitas coisas nesse quebra-cabeça de lendas que nos cercam.

Uma empregada trouxe uma bandeja com chá. Drako serviu uma chávena para a jovem, que bebeu, sentindo-se reconfortada e acalmando-se.

— Drako, um ancestral meu fundiu a lança que matou o dragão. Mais tarde, essa

lança serviu de símbolo para um grupo de homens que se denominou o Clã da Lança. Foram liderados por uma mulher chamada Brendah, que se tornou conhecida como a Caçadora do Dragão. Esse clã perseguiu os últimos druidas que sobreviveram às perseguições de Lorde Hathington na época. Envolveram-se com feitiçaria e bruxaria. O último dos druidas, antes de ser morto por eles, amaldiçoou a rainha do Clã da Lança. Ela voltaria para o combate final como dragão e, para voltar à vida, o sangue de minha família a traria de volta à vida...

— Isso responde a algumas de minhas perguntas, mas há algumas lacunas que precisam ser preenchidas. O que houve com você? Normalmente é raptada e solta na mesma noite.

— Desta vez vai acontecer. Um feiticeiro chamado Lorde Chermitall me raptou...

— Chermitall? — interrompeu-a Drako, empalidecendo.

— Sim, esse é o nome. Você o conhece?

— Sei de quem se trata — respondeu o jovem, num fio de voz.

Percebia, agora, a dimensão do poder

que teria de enfrentar para impedir que o mal dominasse o mundo por mil anos.

— Mas continue, por favor!— pediu ele.

— Eu vi, ele cortou meu pulso e o sangue escorreu dentro de uma espécie de banheira. Dali, fruto de não sei que sortilégio, ergueu-se uma mulher...

— Brendah, a Caçadora do Dragão — falou Drako.

— Sim, isso mesmo. Eles me mantiveram presa... Eu consegui fugir. Tinha de avisá-lo, pois sei que será caçado esta noite e possivelmente destruído se não se preparar.

O tenente Quimberly chegou naquele momento. Enquanto conversava com Aileen, Drako foi até a janela olhar a cidade. Estava acontecendo realmente. Em alguma parte da cidade, um ritual macabro estava sendo realizado. Em breve o mal viria ao seu encontro. Precisava se preparar para isso. Fora instruído por seu pai e por seu pai adotivo. Não sabia, no entanto, se teria forças para vencer a batalha que se aproximava.

O tenente foi ter com ele.

— Drako, acho que chegou a hora de

me contar tudo a respeito do que está se passando, não?

— Sim, meu bom amigo — falou o jovem, encarando-o. — Você conhece a lenda do Senhor de Hathington, o matador do último dragão, que condenou sua família a passar de caçador a caça.

— Sim, essa lenda é por demais conhecida, mas o que há de verdade nisso tudo?

— Isso aconteceu num tempo diferente do nosso, tenente. Um tempo em que a magia era algo concreto e o fantástico era encarado com naturalidade. Forças do mal criadas no passado ensaiam todos os anos a volta do Clã da Lança, o clã dos matadores do dragão, o clã que persegue minha família e que vem matando, geração após geração, os homens de minha família. Neste ano o mal encontrou todas as condições para realizar o seu ritual, que resultará na minha destruição e na do nome de minha família. Feito isso, o mal reinará sobre a terra por mil anos. Cabe a mim impedir.

A expressão do tenente era de total incredulidade. Lendas eram apenas lendas. Depois, lembrando-se em como, todo ano, Drako se preocupava com aqueles

acontecimentos, concluiu que havia algo concreto por trás daquilo tudo.

— Há alguma forma de ajudá-lo? Posso convocar meus colegas. Temos armas e...

— Essa batalha não será travada com esse tipo de armas, meu bom amigo. Elas não terão utilidade.

— Mas deve haver alguma coisa que eu possa fazer...

— Pode ser meu escudeiro — falou Drako, com um sorriso.

— Serei! — assegurou o policial. — Vou levar Aileen para a chefatura. Quero que tomem o depoimento dela ainda hoje. E você, o que pretende fazer?

— Vou ao encontro do meu destino.

— E onde será isso?

— No único local onde essa batalha poderia ser travada: na Caverna do Dragão.

— Mas aquele local está interdito...

— Convenientemente interdito. Na realidade, meu amigo, aquele local tem sido preservado para o que acontecerá logo mais. Ali é o reduto do Clã do Dragão.

— Vai mesmo me deixar acompanhá-lo como seu escudeiro?

— Sim, ficarei a sua espera. Vá cuidar

de Aileen. Falaremos mais tarde, quando voltar.

Quimberly saiu, levando a jovem. Drako deixou a biblioteca e foi até seu quarto. Abriu um armário. Afastou os cabides com roupas, depois pressionou um dispositivo, fazendo abrir uma segunda porta. Entrou. Era uma sala de armas. O rapaz caminhou até um suporte de madeira, de onde pendia uma capa verde e longa, semelhante à pele escamada de um peixe.

Retirou-a dali e vestiu-a. Puxou o capuz sobre a cabeça. Sombras cobriram seu rosto. Ele caminhou até um espelho. Segurando as abas da capa, ele a fechou diante do corpo. A imagem no espelho era a de um dragão.

VI — A Batalha Final

Na Caverna do Dragão, a última parte do ritual tinha início. A Caçadora caminhou até o trono e se ajoelhou aos pés de Suzanah, a rainha do clã. Ela estendeu seu cetro, tocando o ombro direito da outra, enquanto Lorde Chermitall dizia em voz

alta:

— Que a força de nosso poder guie seu braço na batalha.

A rainha tocou, depois, o ombro esquerdo com o cetro.

— Que não haja piedade nem clemência em seu coração — continuou ele.

Suzanah pousou o cetro no alto da cabeça da Caçadora.

— Que sua mente e todas as suas artimanhas se concentrem na batalha e na vitória final — conclamou o Lorde, acrescentando. — Erga-se, caçadora do dragão!

Enquanto mulher se erguia, Lorde Chermitall foi até o altar, apanhando uma lança formada de um cabo de madeira com uma lâmina larga e longa na ponta. Retornou com ela até onde estava Brendah, a Caçadora do Dragão. Estendeu-lhe a lança.

— Esta é a sua arma, forjada com o mesmo aço da lança original. Com ela destruirá a estirpe de Hathington e nós dominaremos a terra por mil anos!

— Sim, mestre! Seus desejos se concretizarão nesta noite — prometeu a caçadora, empunhando a lança.

— Inicie a caçada! — sentenciou o Chermitall, mas antes que a Caçadora se movesse, uma figura retorcida entrou no amplo salão da caverna.

— Mestre, perdão! — disse Hental, coxeando até cair de joelhos diante de seu amo e senhor.

— O que fez, corcunda? — quis saber o Lorde.

— A jovem escapou... Ela me atacou, mestre. Quase me matou com uma clava...

— Deveria ter tido sucesso nisso. Assim me livraria do dissabor que é ter que suportar você. Mas isso não interfere em nossos planos. O último dos Hathington será destruído nesta noite.

— Vou no encalço dele — falou a Caçadora.

— Não será preciso — disse uma voz poderosa na entrada do salão e todos os olhos se voltaram para aquele vulto estranho, enrolado numa capa de escamas, semelhante à pele de um dragão. — Aqui estou, Lorde Chermitall, assassino dos druidas e feiticeiro-mor do reino obscuro de Hathington. Você levou minha família à ruína. Você aconselhou meu antepassado a construir o castelo perto da floresta. Você

levou o dragão até o castelo, para que dizimasse a família do meu ancestral. Você o fez matar o último dragão. Você moveu a perseguição contra os druidas, sequioso de deter sozinho o domínio do mundo das trevas.

Um pesado silêncio pairou no ambiente sinistro. Os olhos de Lorde Chermittall brilharam. Jamais imaginaria que o jovem dragão viria ao seu encontro numa prova de coragem tola e sem sentido.

— Deve estar cansado de ser um Hathington — disse o Lorde. — Vir aqui não é uma prova de coragem, mas uma grande estupidez. Veio ao encontro de sua própria morte — acrescentou, caminhando um pouco mais.

O capuz lançava sombras no rosto de Hathington e o Lorde não conseguia lhe ver o rosto. A Caçadora se adiantou com a lança em riste, prestes a iniciar o ataque.

— Espere, mulher! Estou curioso para saber o que o trouxe aqui. Vamos deixar que ele fale — ordenou o lorde do mal.

— Hoje, aqui e agora, a lenda se define. Apenas uma das lendas viverá e garanto que não será a do Clã da Lança — falou o jovem, olhando a rainha sentada em

seu trono.

Aquela era Suzanah Gantry, com certeza. Antes de vir para a caverna, havia passado pelo hotel e falado com Vanessa, a irmã. Vira uma foto de Suzanah. Tudo se encaixava agora. Suzanah tinha o sinal negro da lança, posto nela por sua mãe, a antiga rainha.

Quanto aos outros, eram meros figurantes naquela cena final. O perigo imediato estava na Caçadora. Lorde Chermitall e Suzanah, unidos pelo poder da magia, poderiam ser imbatíveis. Tinha que lutar como jamais nenhum outro Hathington lutara antes. Estava tentando mudar o curso da batalha. Ao invés de ser caçado, saíra à caça. Isso poderia mudar tudo.

Lorde Chermitall se afastou lentamente para o lado e a Caçadora avançou lentamente, até ter o vulto encapuzado ao seu alcance. Então, com um golpe inesperado, projetou a lança na direção do peito do seu oponente. Como por encanto, o vulto se desviou para o lado e a lâmina passou sem atingi-lo. A Caçadora conhecia seu ofício e girou o corpo, fazendo a lâmina cortar horizontalmente. A capa se abriu e o corpo do rapaz se projetou para o alto,

caindo num canto escuro da caverna e voltando a se enrolar com a capa.

A Caçadora apontou a lança na direção dele e seus olhos se injetaram. Uma língua de fogo se projetou-se da lança e avançou na direção de Drako, que abriu a capa. Assim que o fogo tocou seu corpo, ele voltou a fechar a capa. Todos ficaram em suspense, esperando, mas nada aconteceu.

Brendah voltou a apontar a lança e nova língua de fogo partiu da lâmina em direção a Drako, que abriu sua capa e deixou escapar a língua de fogo aprisionada, que foi ao encontro da outra, no centro da caverna. As duas se transformaram numa grande labareda, que se extinguiu antes de tocar o piso.

— Deixe-me ajudá-la, minha Caçadora — gritou Chermittall, apontando a mão direita na direção de Drako.

Raios vermelhos surgiram de suas unhas e avançaram contra o rapaz, que se manteve enrolado em sua capa. Os raios se chocavam contra ela, ricocheteando e indo abrir buracos nas paredes, no teto e no piso da caverna.

— É um grande oponente, mas não poderá escapar do poder da minha lança —

falou a Caçadora, arremessando sua arma na direção do Senhor de Hathington, que desviou no último momento e a lâmina se encravou na parede, onde ficou oscilando.

— Está desarmada agora! — disse o rapaz.

— Nunca estou desarmada — respondeu ela, estendendo os braços na direção dele.

Os longos dedos foram se metamorfoseando, transformando-se em garras pontudas e recurvas. Ela caminhou ameaçadoramente na direção dele, que ficou imóvel até que ela estivesse ao seu alcance. Quando isso aconteceu, ele estendeu os braços e garras ainda maiores e mais terríveis se projetavam deles.

A Caçadora hesitou. Lorde Chermitall percebeu isso. Por momentos acreditou que a batalha estaria perdida, mas a Caçadora foi astuta. Com um salto ela alcançou a lança, retirando-a da parede. No momento seguinte, moveu-a no ar, na direção da cabeça de Hathington. Em resposta ao ataque, ele brandiu sua garra na direção da lâmina da lança, partindo-a. O metal caiu no piso de pedras, retinindo assustadoramente.

Lorde Chermitall uivou de ódio e se

lançou no espaço, disposto a participar ativamente daquela batalha.

* * *

Quimberly estava preocupado ao extremo, quando chegou ao hotel. Estava tentando seguir os passos de Drako que, antes de sair, deixara-lhe um recado com o mordomo, informando que iria até o Hotel Golden Arrow, procurar Suzanah Gantry.

— Uma pessoa com essas características esteve aqui, procurando por minha irmã. De repente, todos ficaram muito interessados nela — confessou Vanessa, confusa com tudo que acontecera.

— O que disse a Hathington, o jovem que esteve aqui?

— Que Suzanah foi ao baile...

Quimberly agradeceu e saiu. Não estava longe do casarão onde se realizava o baile anual. Um detalhe chamou a sua atenção. Aquele casarão ficava próximo da entrada da Caverna do Dragão, em torno da qual se formara, havia centenas de anos, a cidade de Hathington.

— Talvez ele tenha ido para o baile... Talvez tenha ido para a caverna... Como saber? — questionou-se, enquanto caminhava naquela direção.

Não demorou muito para se decidir. Era na caverna que as coisas aconteceriam. Assim, o melhor a fazer era ir direto para lá. Ao se aproximar, surpreendeu-se ao ver que o velho portão estava aberto e que archotes iluminavam a entrada da caverna. Sacou sua arma, uma pistola automática, destravando-a. Drako havia dito que a batalha não seria travada com aquele tipo de arma, mas ela lhe dava uma certa sensação de proteção.

Avançou lentamente. Gritos e ruídos estranhos ecoavam pelo corredor macabro. Aproximou-se da origem daqueles sons. Algo inusitado, no entanto, chamou a sua atenção. Projetando-se de um nicho na parede, havia um fio pendente. Do mesmo nicho, partiam outros fios semelhantes, correndo ao longo da parede, nas duas direções. Aproximou-se. Era um estopim. Surpreso, removeu algumas pedras que tapavam o nicho e surpreendeu-se ainda mais ao perceber que havia dinamite ali.

— O que está acontecendo aqui? — indagou-se, mas estremeceu, quando gritos lancinantes fizeram o corredor vibrar.

Ele correu até a entrada de um amplo salão de pedras. O que viu o deixou estarecido. Um vulto esverdeado estava

parado no centro do salão, enquanto um outro, com uma capa negra, debatia-se para se livrar das chamas que tomavam conta de suas roupas.

— Maldito! — berrou Lorde Chermitall, arrancando a capa e atirando-a para longe.

Quando saltara na direção de Drako, fora recebido em pleno ar por uma língua de fogo que partira de seu oponente.

A Caçadora avançou com o que restara de sua lança, tentando apanhar Drako de surpresa, atacando-o pelas costas. Antes que o acertasse, porém, o jovem se projetou para frente, abrindo os braços e sua capa novamente rufou como poderosas asas.

Os outros membros do Clã da Lança estavam apavorados, reunidos ao redor de sua rainha, que acompanhava a luta com olhos distantes. Drako foi pousar diante dela, fazendo os outros se espalharem, buscando proteção no outro canto da caverna. O jovem estendeu a mão e tomou o cetro que Suzannah tinha nas mãos e o deixou cair. Depois empurrou para trás o manto.

— Não, isso não! — gritou Lorde Chermitall.

Drako segurou o pulso de Suzanah, cobrindo o sinal negro com a palma de sua mão. A garota estremeceu, depois suspirou, desfalecendo. Quando ele soltou o pulso dela, o sinal da lança havia sumido. Nesse exato instante, a Caçadora, que avançava contra o jovem guerreiro, gritou alto e caiu no piso. Seu corpo rapidamente se transformou em cinzas.

Suzanah acordou, aturdida e a primeira coisa que viu foi seu pulso sem a temível marca.

— O que está havendo? — indagou debilmente.

— Deixe-me ajudá-lo, Drako — gritou Quimberly, avançando pela caverna.

— Tire essa gente daqui. Leve Suzanah consigo — ordenou Drako, apontando a rainha do aturdido Clã da Lança.

— Vai me pagar por tudo isso, Drako, Senhor de Hathington. Hoje será a noite do fim de sua estirpe! Promessa de Hugo de Chermitall, o Lorde de Hockburston, o Senhor do Mal e das Trevas, o Rei dos Feiticeiros — dizia ele, enquanto ia se metamorfoseando lentamente, transformando-se numa gigantesca serpente.

Quimberly correu até onde estava Suzanah e a ajudou a se levantar. A jovem ainda estava aturdida, sem entender como o sinal havia sumido de seu pulso. O tenente a amparou e a fez caminhar na direção da saída. Os outros imediatamente a seguiram, agora confusos, como se acabassem de acordar de um pesadelo. A sua frente, Drako esperou até que Quimberly levasse o pessoal para fora da caverna.

— Afastese daqui, Quimberly! — ordenou.

— Há dinamite nas paredes do corredor da caverna. Cuidado! — gritou o tenente, antes de fazer o que seu amigo lhe ordenara.

Um silêncio pesado se fez no salão de pedras, enquanto a gigantesca serpente deslizava, pondo-se entre Drako e a saída. Sua língua bifurcada se projetava. Quando ela abria a boca, duas presas fatídicas se destacavam em sua boca descomunal.

— Agora, nós dois — disse a serpente.

— Sim, agora nós dois — respondeu Drako, abrindo os braços.

A capa foi se amoldando, como poderosas asas que partiam de seu pulso, se estendiam por todo o braço e se colava às

costas. O capuz em sua cabeça foi se modificando, fazendo a serpente se imobilizar e acompanhar fascinada a metamorfose que se processava no rapaz.

Um dragão, com asas poderosas e pele coberta de escamas verdes estava agora imóvel diante da serpente.

— Cumpra a sua promessa, Lorde Chermittall. Destrua a estirpe de Hathington... Se puder! — desafiou Drako.

Lorde Chermittall percebeu que o oponente a sua frente era muito mais forte do que ele. Todos os seus poderes de nada serviriam. Precisa encontrar novos aliados, se fortalecer, para enfrentar à altura o guerreiro dragão.

— Talvez numa próxima oportunidade — disse a serpente, encolhendo-se e rastejando para uma fresta na parede.

O dragão lançou uma língua de fogo na sua direção, mas Drako jamais saberia se a havia atingido ou não.

Pouco a pouco ele voltou à forma normal. Jogou o capuz para trás, descobrindo a cabeça. Chermittall estava por ali, em alguma parte, mas seria inútil procurá-lo. O feiticeiro ainda tinha alguns recursos que, certamente, usaria.

Lembrou-se do que Quimberly havia dito e foi até o corredor. Viu os estopins. Podia selar aquela caverna e, com ela, o feiticeiro. Sem hesitar, apanhou um archote e acendeu o pavio principal. Depois tratou de sair dali.

Quimberly e Suzanah estavam lá fora.

— Vamos sair daqui! Eu acendi aquele estopim. A caverna vai pelos ares — alertou Drako e os três trataram de se afastar.

Algum tempo depois, um ruído surdo se ouviu, seguido de uma série de outros ruídos menores e uma coluna de fumaça e poeira se ergueu da colina onde ficava a Caverna do Dragão. Um tremor inesperado abalou o solo e todos saíram para a rua, tentando entender o que havia acontecido.

Por muito tempo se discutiria em Hathington a origem da explosão que destruíra a caverna. Hipóteses seriam levantadas, mas apenas duas pessoas sabiam da verdade.

— Acha que Suzana vai se lembrar do que houve? — indagou Quimberly a Drako, alguns dias depois.

— Não, tomei precauções para que isso não acontecesse — falou o jovem, apontando para um livro sobre a sua

escrivaninha.

Quimberly foi conferir. Era um velho tratado sobre poções mágicas.

— Não vou nem perguntar o que fez com aquela pobre garota, Drako, mas espero que não a prejudique.

— Minhas poções mágicas são seguras. Enquanto a jovem se recuperava no hospital, eu lhe mandei flores. Havia um perfume diferente nessas flores — disse o jovem, misteriosamente.

— Acredito — afirmou o policial, andando diante das estantes e examinando os preciosos livros.

Depois foi até a janela e olhou as luzes da cidade. O torneio anual haviam terminado e fora um sucesso como nos anos anteriores. O policial ficou algum tempo pensativo, depois caminhou de novo diante das estantes. Estava inquieto, como se algo o incomodasse intimamente. Drako o acompanhava com os olhos. Após tanto tempo de convivência, aprendera a conhecer o amigo.

— O que acha que aconteceu com seu pai adotivo que sumiu do sanatório?

— Quem sabe? Ele era um feiticeiro, ainda tinha poderes.

— Acha que Chermittall vai aparecer de novo? — indagou Quimberly, parando finalmente diante da escrivainha.

— Quem pode saber? Um feiticeiro como ele não se deixa apanhar facilmente. Ele carrega nas costas mais de oitocentos anos de maldades e sortilégios. É quase imortal.

— Pois é isso tudo que está me incomodando, Drako. Você fala das lendas, fala de Chermittall como se ele fosse um matusalém, usa poções mágicas e faz uma porção de coisas que só se vê no cinema. Eu jamais acreditei nisso tudo, mas eu não estava alucinado, eu não estava bêbado, eu não sou maluco. Eu vi o que vi!

— E o que foi que você viu? — perguntou Drako, divertindo-se com a confusão interior do policial.

— Eu vi você lançar uma língua de fogo contra o feiticeiro... Eu vi! Não foi sonho! Eu vi. Cheguei ali no exato momento em que a bola de fogo o atingiu e ele pegou fogo, em pleno ar, caindo e rolando para se livrar da capa. Como você me explica isso? E como você explica tudo o que Suzannah repetia, enquanto eu a levava para fora? Ela também não estava maluca.

Ela também viu.

Drako sorriu e apanhou um livro sobre a mesa. Abriu-o numa página marcada com um estilete.

— Veja, é um tratado de geologia. Foi feito há muitos anos. Diz aqui que na Caverna do Dragão havia emanções de um tipo desconhecido de gás que provocava alucinações. Está aqui, pode ler!

— Eu não acredito! — murmurou Quimberly.

— Acredite. Seja lá o que for que vocês viram lá dentro, foi fruto de uma alucinação. Agora, por que não se acalma e toma uma xícara de chá — convidou Drako. — Vai notar que este tem um aroma diferente...

L P Baçan

O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberneo Judeo-Maçónico-Comunista, de José

Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".

- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor,

revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.

2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.

2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.

2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".

2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".

2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma

série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.

2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.

2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalo, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.

1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos,

elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.

Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, Tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasdomagodasletras.net